

THOT



Nº 35

AGOSTO 1984

Cr\$ 2.000,00



Aceitação de si próprio
INICIAÇÃO NA FLOR

PALAS ATHENA

**Um Centro
de Estudos
Filosóficos
para quem busca
viver filosoficamente.**

**CURSOS CONFERÊNCIAS
CICLOS CULTURAIS CON
CERTOS BIBLIOTECA FIL
MESEXPOSIÇÃO ESCORAL**

SEDE CENTRAL

R. Leôncio de Carvalho, 99
Paraíso – S. Paulo
CEP 04003 – S.P.
Fone: 288.7356

GRÁFICA PALAS ATHENA

Rua Dona Ana Neri, 846
Cambuci – S. Paulo
CEP 01522 – S.P.
Fone: 279.6288

**CENTRO PEDAG. CASA DOS
PANDAVAS**

Bairro do Souza
CEP 12250 – Município de
Monteiro Lobato – S.P.

**CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA**

R. Cristóvão Colombo, 2149
Sala 315 – Floresta
CEP 90000 – Porto Alegre – RS

**CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA**

Rua Antonio Alves, 21-85
Alto da Cidade
CEP 17100 – Bauru – S.P.

THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kam". É o símbolo da sabedoria e da autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tableta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde serão pesados na balança da Justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão é o símbolo da vida eterna, emblema da sabedoria divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basílio Pawlowicz
Primo Augusto Gerbelli

PRODUÇÃO

Sérgio Marques; Carla Teso; João Fernandes Filho

EQUIPE THOT

Emílio Moufarrige Jr; Lucia Brandão Saft; Lucia Benfatti; David Cohen; Marina Moraes; Lucy Blumental; Mara Novello; Fátima Flores Jardim; Rosa Indáttilo; Therezinha Siqueira Campos; Neusa Santos Martins; José Caruso Filho; George Barcat; Renata De Cesare

FOTOLITO CAPA

Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA
Fone: 297-6288

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cr\$ 12.000,00 — cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leônicio de Carvalho, 99 — CEP 04003 — Paraíso — São Paulo — SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula n. 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob n. 1586 P 209/73.

CAPA: Poseidon, irmão de Zeus e deus do mar. Esta peça encontra-se no Museu Arqueológico Nacional de Atenas.

Em nossa imaturidade espiritual, sempre que as dificuldades batem à nossa porta, erguemos os olhos para o alto em busca de auxílio e conforto. Entretanto, quando uma nova aurora desponta e os ventos já dissiparam as tormentas, esses olhos gravitam novamente no horizonte e esquecem as alturas.

Ingratidão humana! Quando a calma aquece nossos corações e tudo parece estar a gosto, silenciam as preces, o terço já não se aninha em nossas mãos, o incenso e a mirra abandonam nossos pensamentos.

Ingratidão humana! Por que fugimos então da dor? Por que evitamos as tempestades, se são as únicas que nos fazem pôr de joelhos e clamar pelo Senhor? Se são justamente elas as que rompem o marasmo de nossa vida e nos incitam a pensar, a buscar respostas, a desentranhar os mistérios de cada dia!

Ingratidão humana, que esperamos do amanhã? Um eterno sol sem nuvens? Um vale sem montanhas? Um rio manso sem correntezas?

Oh, ingratidão humana! O Senhor está a nossa espera não só para escutar súplicas e lamentações, também para ouvir nossos cânticos de louvor, nossos sonhos, nossos amores, as alegrias de cada dia, as esperanças de cada noite.

Mas, se nada disso partilhamos com Ele aprendamos, então, a amar as tormentas!

Lia Diskin

Editorial

Lia Diskin

Iniciação na Flor

Eico Suzuki

Astrologia: O Sincronismo entre o Cosmos e a Vida

Ilse Maria Spath

A Simbólica nas Religiões Primitivas

Mário Ferreira dos Santos

Elogio ao Entusiasmo

George Barcat

Reflexões sobre Educação

Grupo de Estudos Pedagógicos da Associação Palas Athena

À Guisa de uma Introdução ao Estudo da Kabbala

Ignácio da Silva Telles

A Morte de Narciso

Conto de Oscar Wilde

A Recriação plástica da Natureza

Yolanda Lhullier dos Santos

Ganeça

Mário Muniz Ferreira

Aceitação de Si Próprio

Lúcia Benfatti

Joseph De Maistre: do Iluminismo ao Idealismo — uma trajetória Existencial e Filosófica

Cláudio De Cicco

1

2

7

9

14

16

19

23

24

27

29

32

INICIAÇÃO NA FLOR

A MARAVILHOSA FILOSOFIA DE ZÊAMI – 1363-1443

1 – Zêami

A cultura ocidental é cristã, enquanto a japonesa é budista, acrescida de elementos naturais do país. Mas há pontos de contato quanto aos períodos de grande avanço literário, artístico e filosófico.

Zêami Motokiio nasce no Japão em 1363 e falece em 1443, na época do Renascimento europeu. Ele é muito conhecido como autor genial do NÔ, a mais antiga e mais elevada manifestação teatral nipônica.

Compositor, poeta, ator, diretor de cena, crítico e comentarista de arte, vive mais ou menos duzentos anos antes de Shakespeare.

Torna-se, muito jovem, chefe da companhia de teatro oficial. Sob o patrocínio do governante da época, completa o edifício monumental do teatro clássico NÔ, iniciado por seu pai a partir de 1374. E lega para o futuro setenta por cento das duzentas e trinta peças representadas hoje, quase seiscentos anos depois, sem modificações essenciais em sua estrutura, donde se pode ter idéia de seu valor e atualidade.

Zêami passa por provas dolorosas com a mulher, que não o compreende – como a de Sócrates – o primeiro filho, que falece moço, o segundo, o qual abandona a arte pela religião.

É exilado aos setenta e dois anos numa ilha longínqua após desentender-se com o novo governante, neto de seu protetor. Sobrevive, voltando para a capital após o assassinio do tirano por um senhor feudal.

Sua alegria é o genro, herdeiro artístico e espiritual, culto como ele e ainda mais influenciado pelo Budismo Zen.

Como se sabe, o NÔ tem influência do Zen e de outras escolas do Budismo, além de elementos xintoístas e autóctones, história, filosofia, literatura clássica do país e pinceladas da Índia e da China.

Tudo muito bonito, harmonizado e equilibrado para se ter o teatro total, vivo e atuante ainda hoje.

2 – Iniciação na Flor

Zêami é também um dos maiores filósofos de todos os tempos em todos os países. Situa-se duzentos anos antes de Descartes. Seus conceitos são válidos agora e sempre.

Durante séculos, seus livros permanecem ocultos.

Apenas alguns iniciados sabem de seu conteúdo, transmitindo-o de geração a geração. Em 1909, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, o professor Ioshida Tôgo recupera dezesseis livros de Zêami nos arquivos feudais. Mais tarde, quatro. Total, vinte. Eis alguns:

Tratado de Iniciação na Flor – 1400-18 – sete volumes.

Espelho da Flor – 1418 – um volume, dedicado a seu herdeiro, que falece, deixando-o desolado.

Livro da Última Flor – 1420 – um volume.

Livro de Composição do NÔ – 1423, dedicado ao segundo filho.

Livro Secreto para depois dos setenta anos – 1433.

Esses livros de Zêami são monumentos e obras-primas de filosofia. Mostram, além do ponto de vista do autor e de seu pai, os **princípios básicos de todas as expressões artísticas da alma nipônica.**

Zêami é lógico, científico, tem bom senso e cultura extraordinária. Diz com clareza por que algo deve ser de tal jeito, aconselha, codifica os conhecimentos a respeito.

O *Tratado de Iniciação na Flor* é chamado de Bíblia do NÔ pelo Dr. Nôgami Toioitirô, uma das maiores, senão a maior autoridade nesse estudo (1).

Tratado de Iniciação na Flor

Como a obra tem sete volumes tratando dos mais variados aspectos da vida, arte, da vida do artista, vamos apenas resumir alguns pontos. Para estudá-lo profundamente, um ano seria ainda pouco e todos os dias durante algumas horas.

O artista deve lembrar que o NÔ é arte digna, de origem digna e não deve ser desprezado em benefício de outras artes menos dignas.

O cultivo da poesia é recomendável por abrir os olhos à beleza da natureza e tornar a vida harmoniosa.

São expressamente proibidos, ao artista do NÔ: donjuanismo, jogo e bebedeira.

Isso é para todos, evidentemente.

O praticante precisa empenhar-se no estudo e treinamento, mas não deve, em consequência, tornar-se unilateral. Isto é, não pode ser super-especialista, que só conhece sua profissão e vive fora da realidade. Hoje em dia, há tantos...

Começando o treinamento aos sete anos, deve ser

ele adequado a cada idade, sem forçar nunca. Estudar e pesquisar bem durante toda a vida.

Chama de Flor a atração despertada pela atuação no palco.

A primeira Flor Temporária dos Treze Anos não é a verdadeira, porque a graça da figura e da voz da criança desaparecerão. A Flor Temporária dos Vinte e Cinco Anos pode transformar o ator em astro, mas ele ainda está verde — nunca deve perder a humildade e esforçar-se para melhorar mais e mais.

E diz: “A vaidade de confundir a Flor Temporária com a Flor Verdadeira torna-se causa de afastamento ainda maior da Flor Verdadeira.”

Ainda hoje, há exemplos de artistas no mundo, que desaparecem depois da Flor Temporária em criança ou jovem.

Com o aperfeiçoamento da arte, o ator de trinta e cinco anos tem experiência, conhecimento e esforça-se para evoluir sempre. Se nessa idade não tiver atingido o apogeu, algo está errado: deve **conhecer-se a si mesmo** e pensar bastante para saber o porquê.

Aos quarenta e cinco, não deve abusar das forças, deixando os papéis cansativos para o sucessor talentoso. Se na idade de perder a beleza física possuir a Flor que não se perde, essa é a Verdadeira Flor. Se o artista a tiver perto dos cinquenta anos, é o chamado perito antes dos quarenta. Criatura assim conhece-se a si mesma.

Com mais de cinquenta anos, **também o corcel envelhecido inferioriza-se à mula**. Pode ensinar aos mais jovens e representar com cautela. Mas o verdadeiro artista tem a atração de sua arte. Kan-Ami, pai de Zêami, pouco antes de morrer, aos cinquenta e dois anos, representa um adolescente de quatorze com sucesso, num espetáculo beneficente. E é um homem grande e forte.

Hoje, em virtude do aumento da média de vida, diz-se que aos setenta anos o ator de NÔ está no apogeu. Porém, os papéis com o rosto descoberto são mais adequados para os mais jovens.

O inábil deve aprender com o hábil o que fazer; o hábil, o que não fazer, pela observação do outro. Se o inábil possuir uma boa qualidade, por única que seja, servirá de exemplo para o hábil nesse setor. Se o inábil achar um defeito no artista de valor, raciocina assim: “Se até ele erra, imagine eu, um principiante...” Um como outro devem ser modestos, ter a cabeça fria, não se julgar o dono da verdade.

Diz Zêami a respeito da Beleza da Flor Murcha: “Reconheça, a Beleza Murcha fica um degrau acima da Flor. Se não há flor aberta, não tem sentido ela murchar. Nesse caso, significa triste e não murchar, algo sem beleza. É interessante a flor bonita estar

murcha, mas onde está o interesse no vegetal sem flor murchar?”



Ancião

A Flor na Arte Desabrocha conforme o Movimento da Alma e a Semente é a Técnica em todos os Sentidos

Assemelha-se às palavras do monge de Zen, Enô: “O homem traz, ao nascer, sementes que fazem desabrochar numerosas flores de caráter búdico. Recebendo a dádiva da chuva chamada conhecimento de Buda, todas elas germinam. Depois, conhecendo o generoso sentimento búdico, abrem-se numerosas flores, surgem frutos, isto é, encontra-se a Luz e torna-se Buda.”

Em palavras de hoje, todos nós temos, em potencial, as sementes da perfectibilidade e, através da sabedoria e do amor, chegaremos à perfeição.

O artista deve saber arrebatrar ignorantes e intelectuais. Respeitar seu semelhante. Nunca desprezar ninguém, nem julgar-se incompreendido ou descer ao nível do público inculto. Ao contrário, erguê-lo em sua direção.

O sucesso do artista e seu grupo é importantíssimo, mas essa ambição não deve ser o fim de seus esforços. **O alvo é a arte em si.**

Na composição das peças tem que harmonizar canto e marcação, usar poesias suaves e fáceis de entender. Mas, algumas vezes, o uso de palavra ou expressão mais difícil pode ressaltar essa parte. O equilíbrio fará a ação no palco e a atmosfera da peça emanar a lúguen, ou Beleza Sublime (2). Evitar palavras vulgares, que tiram a dignidade e elevação da arte. Isso vale para nós hoje em dia. A poluição mental iria diminuir bastante se todos tivessem consciência disso.

A Flor só o será enquanto ninguém souber dela ainda. Nada de contar, aos outros, seus planos. É como na estratégia militar. Se os outros souberem, desaparecerão a surpresa e a novidade.

O Budismo ensina a existência de causa e efeito. Boa causa gera bom efeito; má causa, mau efeito. A lei de causa e efeito é natural, tal como a da ação e reação em Física. Se o treinamento-causa é superficial, o resultado-efeito nunca será bom.



Mulher

Espelho da Flor

Nesse livro, Zêami diz, entre muitas outras coisas: “Movimente a alma no valor dez e o corpo em sete.” Quando o professor ensina, faz o aluno movimentar corpo e alma no valor dez. Terminado o aprendizado, retraia o movimento do corpo e o resultado será uma dinamização interior maravilhosa. Quer dizer, contenção, sobriedade. Quando escrevemos ou falamos, temos a tendência de fazê-los em excesso. É preferível menos que mais, porém com conhecimento e elegância.

Em relação à dança: olhos à frente, alma atrás. Enquanto os olhos físicos funcionam à frente, os da alma devem estar às costas.

Os olhos do espectador e os do artista não enxergam a mesma coisa. O espectador vê integralmente, mas o artista não consegue ver-se atrás, a não ser através de dois espelhos, um em frente ao outro — como nas escolas de balé.

O artista deve olhar-se com olhos de espectador sem perdoar o mínimo detalhe. Isso significa olhar com os olhos da alma as próprias costas. Aliado ao treinamento intenso, tornar-se-á artista inigualável.

Em linguagem comum quer dizer autocrítica, perfeccionismo, vigilância, tornar-se o melhor dentro de suas possibilidades.

Interligar as mais variadas artes e técnicas com o espírito, porque a interpretação é expressão corporal; artes e técnicas são coisas fabricadas. Então, quem comanda tudo é a mente.

Em seu trabalho, o artista deve despojar-se de seu pensamento e do próprio eu, desligando-se totalmente dos problemas da vida comum, até de quem é e do que é. Significa **concentração espiritual** perfeita.

Antes de entrar no palco, o ator de NÔ concentra-se olhando a máscara, que será seu rosto. Coloca-a, olha-se no espelho, transformando-se integralmente no próprio personagem.

Os que atuam de rosto descoberto também se concentram.

Assim serão os personagens, não apenas parecerão.

Zêami diz mais; em todos os momentos da vida diária, a concentração será perfeita. Todos os atos estarão ligados pelo espírito. Assim, seu NÔ se elevará às culminâncias.

Livro da Última Flor

A base do NÔ é Dois Ritmos e Três Figuras: Dois Ritmos — o canto e a dança. Três figuras — o Ancião, a Mulher e o Guerreiro, tipos fundamentais das peças. Os demais são variações deles.

O artista só é considerado completo quando consegue dominar os Dois Ritmos e representar igualmente bem o Ancião, a Mulher e o Guerreiro.

Zêami critica os que se encantam com o perfume ou a luz do luar, esquecidos da flor e da lua em si. Pensam em efeito e não em causa.

Ainda hoje, temos a tendência de nos impressionarmos com o não-essencial.

Também nos componentes e técnicas do NÔ, há a Pele — beleza exterior, Carne — ritmo musical, Osso — a alma.

Em literatura, também a forma é a Pele; a gramática, a Carne; o fundo ou conteúdo é o Osso. Se a base não está perfeita, a alvenaria e o revestimento da construção vão cair.

A filosofia de Zêami mostra os princípios básicos de todas as expressões artísticas da alma nipônica. É filosofia prática e aplicada. Pelo resumo exposto, anotamos o seguinte:

- Respeito à própria arte.
- Cultivo de poesia.
- Vida limpa.
- Dedicção ao trabalho, mas cuidar da cultura geral.
- Estudar de modo adequado a cada idade por toda a vida.
- Humildade e esforço para melhorar-se cada vez mais.
- Conhecer-se a si próprio.
- Todos têm algo a ensinar.
- Respeito e admiração pelo que já ultrapassou o apogeu.
- Todos podem chegar à perfeição algum dia.
- Respeito ao próximo, ajudando a erguer os que estão em baixo.
- O alvo é a arte em si.
- Harmonia e equilíbrio em tudo.
- Usar sempre palavras boas.
- Ser discreto.
- Cultivar a boa causa para ter bom efeito.
- Contenção e sobriedade.
- Autocrítica, perfeccionismo e vigilância.
- Trabalhar com a mente.
- Concentração espiritual perfeita.
- Ser e não parecer.
- Estudar sua especialidade em todos os sentidos.
- Cuidar da essência.
- Integração de fundo, técnica e forma.

O teatro clássico NÔ influencia todas as letras, artes e teatros clássicos e populares de seiscentos anos para cá. Mesmo sem desconfiar, o japonês vive imerso nos princípios de Zêami.



Guerreiro

E hoje, sendo eles acessíveis a todos os interessados, contribuirão para que as pessoas encontrem a paz dentro delas, em relação umas com as outras e comecem, finalmente, a encontrar a felicidade.

NOTAS

(1) Dr. Nôgami Toioitirô — ex-reitor da Universidade Hôsei, falecido em 1950, foi um estudioso profundo, não só do NÔ como do teatro grego, e tradutor das peças de Shakespeare para o japonês. Faz o levantamento de todas as peças de NÔ representadas na época moderna, em seis volumes, que constituem sua tese de formatura. Sua esposa Iãeko é a autora do livro de ficção mais importante após a Segunda Guerra, *Labirinto (Méiro)*, título no original), romance falando de NÔ, do que é boa conhecedora, cultora de seus cantos há décadas.

(2) Iúguen ou Beleza Sublime — o conceito mais incompreendido da cultura nipônica. É algo transcendental, de genialidade. Um (a) artista conquista a Iúguen com muito suor, estudo constante, perseverança, aliados ao talento que bem raros possuem. Grandes mestres de NÔ com meio século de experiência têm-na em seus movimentos, em sua própria aura. Anna Pavlova, na *Morte do Cisne*, Alicia Markova, no segundo ato de *Giselle*, apresentam Iúguen, mas nunca mortais comuns. Os livros traduzidos sobre o NÔ ou da maioria dos autores ocidentais a respeito do tema dão explicações superficiais e ambíguas. Sentimo-lo fortemente em contato com estudantes de arte dramática e através de livros nos quais eles estudavam, em português, baseados nas obras aludidas, na década de setenta. A situação continua quase a mesma agora.

O NÔ, único no gênero no mundo, não pode ser comparado com qualquer outra coisa, seja teatro ou não. Sua elegância e sobriedade nada têm de primitivo ou selvagem. Por falta de maiores informações, muitos consideram-no estacionado no tempo. Tem sofrido transformações, a última no início do século. Gostar da tradição não é fanatismo. Permanece inalterável a essência do NÔ, a obra-prima do gênero humano.

Para os interessados em conhecer o NÔ um pouco mais, sugerimos a leitura de "NÔ - Teatro Clássico Japonês", ensaio, 1977, Menção Honrosa do Prêmio "José Ermírio de Moraes" do Pen Centre de São Paulo, do mesmo ano, e "Literatura Japonesa - 712-1868", idem, 1979, ambos pela Editora do Escritor, São Paulo, com texto e ilustrações de nossa autoria.

ILUSTRAÇÕES

O ANCIÃO - protagonista do primeiro ato da peça Divina *Takassago*, que é o símbolo da longevidade e felicidade conjugal. Vem ele com a acompanhante Anciã, sua esposa, que traz uma vassoura de cedro. Ele tem um ancinho ou uma vassoura também, e ambos limpam a sombra do pinheiro. Diz o prefácio da *Coletânea de Ontem e de Hoje*, do século X, uma das famosas antologias mandadas organizar pelos Imperadores: "Os pinheiros de Takassago e Suminôe constituem casal a envelhecer junto." "Quem ama está sempre junto em espírito, não obstante a separação de dez mil milhas" - canta-se durante a peça. É o casal de Espíritos dos famosos pinheiros citados, muito longe um do outro. *Takassago*, uma das obras-primas de Zêami Motokiio - 1363-1443 - é a peça mais conhecida de NÔ. Muito solene, representa-se de preferência no Ano Novo. Em cerimônias de casamento são cantados, ainda hoje, quatro trechos. O pinheiro é o símbolo da Eternidade, as folhas permanecendo verdes mesmo no inverno. A máscara usada pelo protagonista é a *Kojô* ou *Koushijô*, em homenagem ao autor, Koushi, característica de um velho muito distinto.

A MULHER - Protagonista do segundo ato da peça Feminina *Izutsu*, ou Poço, ficção sobre figuras históricas, o Espírito da poetisa, esposa do também nobre poeta Ariuara-no-Narihira, do século nove. Ela é conhecida como a Mulher do Poço. *Izutsu* é a essência da Lúguen ou Beleza Sublime, transcendental. Os poemas clássicos, *tancas*, do casal, são apresentados em seu decorrer. A dança é o *Bailado do Prelúdio*, lento e majestoso - *Jo-no-mai* - característico da peça Feminina. O manto e o chapéu da corte são lembranças do marido. Ela se mira nas águas do Poço, vê seu reflexo e canta as saudades dele. A máscara é *Zô*, assim chamada em homenagem ao escultor Zôami, contemporâneo de Zêami, que compôs a peça.

O GUERREIRO - protagonista do segundo ato da peça Guerreira *Iashima*, nome da batalha decisiva entre os clãs Guênji e Hêike, com a vitória dos primeiros em 1185, marcando o início do militarismo até 1868. É o Espírito do general Ioshitsunede Guênji, o herói mais querido dos japoneses. *Iashima*, também de Zêami, uma das favoritas dos samurais no passado, tem o bailado *Kakeri* - curto, simples, característico de peça Guerreira. A roupa simboliza o capacete e a armadura. A máscara é *Hêida*, própria para um hábil general.



CORREÇÃO:

Máscara *Nakizô*, que deveria ilustrar o artigo anterior, O TEATRO NÔ, página 12 de THOT, nº 34. A que saiu em seu lugar é também uma obra-prima do escultor e ator Zôami, chamada *Fushiki-Zô*, de expressão mais doce, usada pela protagonista da peça *Izutsu*, da qual tratamos no presente trabalho. É privativa da escola Hôshô, enquanto a de Kanze utiliza de outro tipo.

Texto e ilustrações de
EICO SUZUKI

ASTROLOGIA: o sincronismo entre o cosmos e a vida

Na Antigüidade, quando o homem à noite admirava o céu estrelado (ainda não poluído), percebia que certas estrelas eram fixas, formando com outras igualmente imóveis determinadas constelações. Entretanto, alguns corpos celestes movimentavam-se, ora sumindo ora reaparecendo, atravessando as constelações que constituíam como que um pano de fundo para estes dançarinos estelares. A estes denominou-os planetas. Reparava também que alguns acontecimentos e estados humanos correspondiam ao surgimento de um e outro planeta. Assim, ao sentir-se inquieto e excitado quando despontava um corpo vermelho no céu, nomeava-o como o seu deus guerreiro, Ares (Marte), e da mesma forma àquele que o tornava calmo e otimista, identificava como Zeus (Júpiter), o supremo legislador do mundo. Notavam os homens ainda que, à variação das épocas do ano, modificavam-se as características de nascimento e concluíam que o Sol os influenciava, conferindo-lhes uma determinada tipologia conforme a permanência do astro num dado espaço do cosmos durante um lapso de tempo. Por exemplo, na época da primavera (no hemisfério norte) toda a vida nascente era repleta de energia: os germes das plantas penetravam com força a terra umedecida pela neve derretida, desenvolvendo milagrosamente, em poucos dias, folhas e flores. Os nascidos nessa época possuíam a mesma tenacidade, a mesma força propulsora, e assemelhavam-se a carneiros que, liderando o seu rebanho, não se detinham ante qualquer obstáculo. Já os nascidos no período seguinte, época do florescimento, eram bem diferentes. Bem mais acomodados; aguardando pacientemente as frutas que iriam recolher, lavravam a terra para uma safra futura; eram calmos, porém um pouco obstinados, lembrando o gado no pasto, quando alguém intenta perturbá-lo em seu repouso.

Comparavam (e a analogia é o método, por excelência, da Astrologia) a influência dos doze espaços cósmicos, onde o Sol se encontrava por aproximadamente 30 dias, ao comportamento dos animais e dos homens, e chamavam o conjunto de **Zodíaco**, por ser o disco da vida (*zoé*) e não dos animais (*zoon*).

Para examinar no céu noturno o espaço que confere certas características, discriminavam as constelações que ali estavam — há 4.000 anos —, obede-

cendo antes a uma analogia de manifestações que a uma semelhança meramente física. Neste sentido, a constelação de Carneiro não tem nada de semelhante a um carneiro, e foram nada mais que pontos de referência na Antigüidade.

No decorrer dos séculos a Astronomia foi-se distinguindo da Astrologia. A Astrologia conta com os espaços cósmicos, a Astronomia com as constelações que se situavam há tempos nos espaços cósmicos. Mas como as constelações giram ao redor de um centro, elas estão hoje quase dois espaços adiante.

Ainda no início da nossa era (de Peixes), o símbolo dos doze espaços cósmicos era uma tradição sagrada. Os celtas falavam do mito do rei Arthur e os doze cavaleiros da Távola Redonda; os cristãos, do Cristo e os doze apóstolos. Mas havendo já um ligeiro discernimento entre Astrologia e Astronomia, alguns conceitos de uma e outra confundiam-se. A constelação do Carneiro entrava no signo de Peixes, e sendo este o último dos doze signos — o da reclusão e morte —, os astrólogos acreditavam que o fim do mundo estava próximo. Mesmo o Cristo, conforme nos foi transmitido pelos testamentos de Lucas, Marcos e Matheus, predicava a catástrofe através das pessoas da geração que viviam em seu tempo.

Contudo, a entrada do sistema planetário no signo de Peixes não tinha por conseqüência o fim do mundo, mas sim conferir a toda humanidade a duplicidade que agora rege o mundo. Este signo propicia maior espiritualidade para os evoluídos e, por outro lado, maior confusão para o homem não evoluído, que constitui a maior parte da humanidade: seres confusos, supersticiosos e excessivamente sentimentais, lamentando-se da injustiça do mundo, sem energia para superá-la. Deixam-se dirigir pelos dogmas da Igreja, que afirmava o geocentrismo, pois no primeiro dia Deus criou o céu e a terra, e o homem para ser a coroa da criação, fazendo-o à sua imagem e semelhança.

Mesmo em completa discordância com estes dogmas, inúmeros papas, mormente na Idade Média, foram astrólogos, e até 1530 ambas as disciplinas, Astrologia e Astronomia, eram ministradas nas universidades da Europa. Ainda o conhecido astrônomo Kepler ensinava conhecimentos tanto de uma como de outra. Ao demonstrar a diferença entre elas, fez

uma comparação interessante: "Tomem uma bola de certo tamanho e cerquem-na de bolas do mesmo tamanho; verão que são necessárias doze delas para cobrir a circunferência da primeira". Isto são os espaços cósmicos que se seguem, intercalando-se um positivo e um negativo, explicando a evidente diferença entre eles. Assim, quem nasceu com o Sol em 29° 59' do signo de Áries (Carneiro) terá analogamente as características deste animal, enquanto que, ao nascido com o Sol em 00° 00' de Touro, corresponderão as deste signo.



Kepler.

Após Kepler, a Astrologia separa-se definitivamente da Astronomia, sendo porém ensinada nas faculdades de Filosofia das universidades européias até 1830 quando, com o desenvolvimento da química atômica, iniciava-se concomitantemente um período de exacerbado materialismo. O que não se podia medir e pesar simplesmente não existia. Essa visão material do mundo pode ser sintetizada na célebre frase do anatomista Virchow: "Eu autopsiei milhares de cadáveres e nunca encontrei em nenhum vestígios de uma alma humana". Similarmente os astrônomos, com aparelhos sempre melhorados, estudavam a composição química das estrelas, nascimentos, duração e morte, sem se perguntar qual seria o significado ou finalidade desse cosmos que funcionava tão maravilhosamente.

O homem da Antigüidade, ainda mais sensível que intelectual, acreditava ser o cosmos um grande organismo, do qual somos uma parcela infinitamente pequena. Sendo então uma partícula do TODO, somos naturalmente dependentes dele. No momento em que qualquer vida nasce, é como que carimbada pela disposição em que o TODO se encontra nesse mesmo momento. Portanto, entramos na vida quando o cosmos está segundo a disposição que corresponde — conforme a lei de causa e efeito — ao grau de evolução que atingimos em nossa vida anterior. So-

mos programados assim. Hoje, que trabalhamos com computadores, não necessitamos mais imaginar um Deus determinando lá de cima que um nasça inteligente e outro torpe, um forte e outro fraco. É a lei de causa e efeito que rege a vida.

O momento em que nascemos obedece à lei do sincronismo: o que nasce é marcado pela disposição do TODO nesse mesmo momento. Somos determinados pela lei de causa e efeito e nascemos sob a lei do sincronismo. Mas existe uma terceira lei, a da evolução do TODO, capaz de superar a de causa e efeito. Contudo, só o homem mais evoluído sabe usar essa lei, que no ser humano é o livre-arbítrio. Podemos começar a desenvolver essa futura faculdade, considerando um fato desastroso em nossa vida como uma importante aprendizagem. Em altíssimo grau de evolução teremos livre-arbítrio. O nosso Eu superior nada mais é do que a soma de experiências feitas em vidas anteriores; daí que cada nova experiência nos faz crescer.

Nosso livre-arbítrio consiste apenas no modo como aceitamos uma situação adversa; não podemos ainda evitá-la. Não estamos na vida para gozá-la, mas para aprendermos com ela. Por isso homens privilegiados, grandes poetas e filósofos, nascem sob más constelações que os fazem evoluir mais rapidamente. Cada dor, cada perda, amplia os horizontes de nossa compreensão acerca da vida, quando começamos a entender a lei do livre-arbítrio. O nosso horóscopo determina as possibilidades psíquicas que temos para evoluir. Foi nesse sentido que chamei este livro de Astro-Psicologia.

ILSE MARIA SPATH

ASTRO PSICOLOGIA INTRODUÇÃO À ASTROLOGIA MODERNA

No dia 11 de agosto p.p. foi lançado, na sede da Associação Palas Athena, sob o título acima, o livro de autoria da Prof^a Ilse Maria Spath.

Nossos agradecimentos à autora pela oportunidade desse lançamento, que muito nos honrou, enriquecendo nosso trabalho de divulgação de obras que merecem ser conhecidas.

A simbólica nas religiões primitivas

Pretendemos somente desenvolver alguns temas cuja simbólica é mais marcante e, entre eles, o *mana*, que significa todo poder além do normal de que participa algum ser quando faz algo, quando pode realizar algo, quando cura, quando vence, etc. *Mana* é, portanto, ato, porque é na ação que ele se manifesta. Em qualquer ação do homem há *mana*, quer seja ela religiosa, quer seja ela profana. Encontra-se com o mesmo significado sob o nome de *orenda*, entre os iroqueses, *wakanda* entre os sioux, *karma* para os hindus, *kharis* entre os cristãos, *dynamis* entre os gregos, *pneuma* com os gnósticos, *manitu* entre os algonquinos, *baraka* entre os árabes, e *el* entre os hebreus.

Assim, observa-se nas cerimônias religiosas que toda e qualquer manifestação do poder é *mana*, que se apresenta diversamente. É o poder do vento, das águas do mar, dos pássaros que voam, do guerreiro que vence, mas também do vencido, cuja *mana* é, portanto, inferior, etc. É símbolo do poder supremo, do poder divino que é participado pelos seres em graus diversos. Em outras crenças religiosas encontra-se a presença de um poder vital, ato, que se manifesta proporcionalmente às coisas que o exteriorizam. O *tao* dos chineses, *rtá* dos hindus, *ma al* dos egípcios, a *diké* dos gregos são as várias expressões deste único poder. As sucessões várias, como as das estações e da vida humana é *tau*.

A *diké* dos gregos, *moira*, são manifestações simbólicas do poder supremo. A participação no poder supremo é que explica a magia. O que o homem não pode vencer,

solucionar, resolver através da técnica, procura realizar pela invocação do poder oculto da natureza. Quando na técnica se dá uma correlação de conexão entre causa e efeito, na magia esta conexão desaparece. Não que deixe de existir, mas esta participação não é proporcional, pois pode ser obtida por meios extrínsecos. O poder pode ser ampliado ou diminuído pela presença de algo exterior que estabelece ou rompe o participado. Desta forma vê-se que o pensamento lógico tem seu nexo de causa e efeito, que é desproporcional à natureza da coisa, que não é admissível pelo processo técnico. A causa eficiente, no pensamento mágico, pode ter um efeito que ultrapasse proporcionalmente a causa material e formal, que vem a ser a natureza das coisas. Neste pensamento o pigmeu, por exemplo, pode se tornar gigante; o fraco, todo-poderoso; o feio, bonito, etc.

Observa-se que em todas as religiões se admite essa possibilidade: o *kharis*, o *mana*, podem ser dados em proporções que ultrapassem a natureza da coisa e, aí, estamos frente ao milagre (algo que se admira); ele ultrapassa as proporções intrínsecas da coisa. Na filosofia e no pensamento religioso de algumas culturas é um poder imaterial, espiritual, que é participado pelo ser humano, como o *pneuma* dos estoicos, a *kharis*, o *dynamis*. A *kharis* produz o *kharismata*, o conteúdo, o carisma, termo muito utilizado na filosofia moderna, que é o que dá força ao indivíduo para realizar milagres. É o que os hindus chamam de *atman*, o próprio Brahma, o poder, o *verbum* dos cristãos, de que participam os

seres, segundo o seu grau de perfeição, e o homem ainda mais. Quando os hindus dizem "*tat tvam asi*" — "tu és Aquele" — é o poder que abarca todas as coisas e é por nós participado e, nesta participação, também somos Aquele: o grande poder impessoal do qual todos participam, mas em grau diferente.

Se a simbólica é variada, o simbolizado e o que se pode observar através destes exemplos é o mesmo. Mudam-se os nomes mas não o conteúdo. O ritual é a forma de despertar, pelo emprego de uma organização, um conjunto de meios ordenados — o poder que está oculto. Quando o panteísmo se caracteriza pela admissão de que a natureza das coisas é a mesma de Deus, aceita que as coisas participam da divindade, proporcionalmente à sua natureza. A divindade, porém, permanece sempre transcendente, enquanto divindade. O despertar das forças, dos poderes que estão nas coisas, levou o homem primitivo a ter respeito por determinados instrumentos ou coisas. Muitas vezes ele viu no instrumento um meio para realizar um trabalho criador, despertar as forças ocultas nas coisas; daí o seu trabalho ter um sentido religioso.

Entre os judeus o poder da Arca da Aliança vinha de Jeová, como o poder de certos objetos vem do totem. O fetichismo tem um aspecto simbólico, porém muitas vezes mal compreendido; donde se compreende o fetichismo no seu aspecto altamente simbólico. Não é permitida qualquer modificação, seja na feitura de objetos sagrados, como na consecução de um ritual.

O conservantismo impera por necessidade!

Outro conceito muito utilizado e que gerou muitas controvérsias é o tabu. Estudado principalmente pelos antropólogos e psicólogos, tem sua origem numa palavra melanésia (do verbo *tapui*, que significa separar, tornar santo).

As coisas possuem uma participação maior da divindade, exigem muito cuidado, e é preciso manter ante elas uma distância, uma separação que é escalar, variante, dependendo das modalidades que apresentam as várias crenças religiosas. A saudação é um rito religioso, de aproximação ou de manutenção da distância devida a algo que é sagrado, que se mantém, por exemplo, ante a divindade, o rei, o que é desconhecido: o véu que cobre o rosto feminino entre os muçulmanos, o vestuário, as abstinências, o não pronunciar certas palavras ou sons, etc.

Há tabus para o homem como para certos animais, cujo sacrifício ofende certos princípios. Daí as sanções que podem vir do poder profanado. Para Freud, muitas religiões surgiram do tabu, já que ele é um imperativo categórico.

OS SÍMBOLOS RELIGIOSOS

O Sol aparece em quase todas as culturas como o símbolo mais constante da divindade. Entre os romanos era o *sol invictus*, Apolo, o Hélios dos gregos, Amon e Aton dos egípcios, que serviu de símbolo mais vivo na religião de Akenaton. No cristianismo, aparece nas palavras de São Francisco: "Louvado sejas Tu, Senhor, com todas as Tuas criaturas, principalmente o senhor Sol, meu irmão, que nos traz o dia e por meio do qual Tu iluminas; é belo e resplandece com o grande brilho de Ti, ó Altíssimo; ele traz

a Tua imagem. Louvado sejas Tu, Senhor, pela minha irmã Lua, e pelas estrelas. Tu as formastes no céu, luminosas, preciosas e belas."



Apolo cavalcando em um grifo.

O Fogo é o símbolo do sol, que por sua vez é o símbolo do Ser Supremo. Nos mitos hindus, Agni nasce do sol e do fogo, e é com fogo que se lhe faz o culto. Na lenda de Prometeu, expressa a formação do próprio homem. Ele está ligado à vida, que é uma chama que fermenta, cresce e se apaga. Seu culto aparece em todos os povos: nos lares dos romanos, nas noites de São João, enfim, em todos os rituais em volta do fogo. É a chama mantida pelas vestais, a chama dos lares que simboliza a família. Por isso ele arde nas velas acesas nos templos e igrejas, nas piras dos atletas. Entre os romanos, era mantido pelas vestais que serviam nos templos. Entre os povos indo-europeus tem-se três tipos de fogos sagrados: o do sacrifício, da defesa e do lar. Para os hindus, Agni é o fogo do sacrifício e, também, o mensageiro, que põe os homens em comunicação com a divindade e o sacerdote que faz a oferenda. Mas também torna-se o fogo do lar, o protetor dos rebanhos, o fogo da proteção e do esconjuro. Entre os gregos, Apolo é o deus originário da luz e do fogo, que era venerado numa labareda sobre uma trípode

e que servia para se fazerem os oráculos, como entre os persas. Hefestos, dos gregos, era o deus do fogo material e do fogo da forja. Héstia, deusa do fogo, particularmente do lar, era também protetora do fogo da cidade e do Estado, a quem eram feitas muitas oferendas, antes e após cada sacrifício. Corresponde, entre os romanos, ao deus Vulcano. O culto de Diana em Nemi era feito acendendo-se tochas nos bosques onde ela era venerada, e as estátuas de bronze representavam a deusa com uma tocha na mão direita levantada; as mulheres, cujas súplicas fossem escutadas por ela, iam ao santuário da deusa, levando tochas acesas. Apontam alguns estudiosos, entre eles Frazer, ser semelhante o costume católico de levar velas à igreja em cumprimento de promessas. Em toda a Europa aparece o uso do fogo em festas onde é costume dançar-se à volta dele. As festas de São João, assim como o saltar sobre fogueiras, são reminiscências de antigos cultos. Pensa-se que saltar a fogueira faz livrar-se de todas as desgraças. A queima das bruxas, segundo Frazer, talvez substituisse o sacrifício de um ser humano ou animal em tempos remotos, quando um membro da comunidade era escolhido para ser sacrificado.



Tritón, deus marinho.



Escila, monstro que devorava os navegantes.

A **Água** era, para os egípcios antigos, o símbolo das vibrações que constituem o universo, pois todas as coisas, afinal, eram conjuntos vibratórios. Tem, entretanto, uma variedade muito grande de significados; há água da vida, água da fecundidade, água que faz crescer, que vivifica os campos, água líqüida das fontes emergidas da terra, das montanhas, água santa — na qual repousava Demeter, água dos rios sagrados da Índia, águas bantas, abençoadas, consagradas, miraculosas, da Juvência — água da juventude, água da purificação e do sacramento das religiões (batismo), água que preserva e conjura as forças do mal (a doença), água feminina e mãe, símbolo gerador e regenerador, água do caos de onde surge o mundo, água que cerca o ser humano na sua gestação, etc.

A lenda do dilúvio, que se encontra em povos dos cinco continentes, é a água dos céus e da terra que vinga, purifica e renova a humanidade, e é símbolo do retorno à matéria-prima, das coisas que parecem pontos de partida às coisas que se geram. Está o símbolo da água sempre ligado ao símbolo da geração e da corrupção das coisas, embora não se limite apenas a esta significação.

A **Pedra** aparece em marcos, em homenagem à divindade, nos templos, etc. A solidez da pedra permite simbolizar o que vence o tempo, pois o que desejamos fazer perdurar deve ser feito com pedra sobre pedra.

A **Montanha** é símbolo do mais alto, do que participa do mais elevado. É delas, dos seus altos píncaros, de onde surgem os deuses que lá habitam, como os deuses do Olimpo, os deuses do Fujiama, no Japão, como Jeová que surge no Sinai, os deuses chineses do Tai Shan, a montanha sagrada, o Walhalla dos antigos germânicos, o Himalaia dos tibetanos

Interior de uma abadia beneditina.



e hindus, e muitos outros. Era numa montanha que os egípcios colocavam o Deus criador, montanha primordial, umbigo do mundo, centro, ponto de origem, simbolizado pelo vértice da pirâmide.



O **Todo-Poderoso** aparece em todas as religiões que fazem parte dos ciclos culturais mais importantes. Tem vários nomes que podem se referir às ações da divindade, participadas por seres cósmicos que, por esta razão, podem simbolizar o todo-poderoso. Às vezes há uma submissão total, independente da vontade humana; noutras, o homem opõe-se à vontade de Deus, podendo ter a possibilidade de afastar-se da vontade divina. Por exemplo, na *ananke* dos gregos, no *factum* dos romanos, no *maktub* dos árabes, há sempre a certeza da submissão ao destino. O cristianismo e algumas seitas estabeleceram a possibilidade da liberdade.

A **Luta**: a luta de Jacob com o anjo encontra muitos paralelos em outros mitos religiosos, em que o herói-deus enfrenta a potência da instintividade, do inconsciente, a luta do humano contra o inconsciente animal. Esse símbolo revela a nossa participação nas perfeições da divindade e no que pertence à animalidade. Nessa luta, o herói sucumbe ou vence. A neurose, nesse caso, é um desvio. Essa potência primitiva, que vem dos instintos, é o Deus que é um "fogo devorador", ao qual se refere a frase bíblica ao dizer que é "horrorável cair nas mãos do deus vivo".

Esse poder é o diabo, o obstaculizador, o tentador. É a duplicada figura que oferece a figura do diabo em todos os mitos religiosos. É o que nos obstaculiza e nos desvia do caminho desejado, ou é o que nos tenta a fazer o que é contra a esquemática ética, ou que é destrutivo. Veja-se o exemplo da tentação de Cristo no deserto. O diabo oferece-lhe, afinal, depois de esgotadas todas as alternativas, o poder sobre os homens, o domínio, o poder político. A luta de Mitra com o touro, que ele acaba matando; a luta de Cristo consigo mesmo, no horto de Getsemani; a luta contra o dragão, a luta contra a serpente, são constantes nos textos religiosos. Esta luta contra a instintividade é a luta do querer positivo com o querer opositivo. É uma antinomia inseparável do homem, que faz parte da própria condição humana.

A **Mãe**: segundo W. Schmidt, o monoteísmo telúrico que toma como símbolo a mãe é característico das culturas matriarcais. Muitas vezes este culto é simbolizado pela terra ou pela lua, como símbolo do eterno feminino e, também, da procissão ativa e passiva do devir, ao lado do culto paterno, simbolizado pelo pai. Na cultura egípcia, Osíris é exoterica-

mente o pai, Ísis a mãe, e ambos geram Hórus, o filho. Na linguagem filosófica, o eterno masculino, ativo e passivo, *animus*, com predominância sobre a *anima*, o eterno feminino, passivo e ativo. Em sua interação e reciprocidade geram a ordem cósmica, simbolizada pelo três, que é símbolo do ternário e se refere à relação que surge da oposição mas que, dinamicamente, evolutivamente, aponta reciprocidade simbolizada pelo quatro, o quaternário, o mundo do devir.



Zeus em uma luta com os Gigantes e Titãs.

Em São Francisco de Assis, nos seus hinos, encontram-se passagens como esta: "Nossa irmã, a Terra, nossa mãe, que nos conserva e nos ampara, que produz os frutos mais variados, como as flores multicores e como a erva dos prados." Entre os gregos foi adorada a terra, pois nascer, viver, é nascer dela e morrer nela para depois retornar. É comum encontrar-se entre os mais diversos povos a simbolização da terra. Muitas vezes ligada à mãe-montanha. É da montanha que surgem deuses como Mitra, Expectra, Natus, etc. Entre os gregos, Demétrius é o símbolo da terra produtora. Daí o culto feminino prestado nos cultos onde a divindade é a geradora. Em muitas religiões este culto é acompanhado pelo culto do pai que, às vezes, aparece na forma de

uma charrua ou de um bastão que fecunda a terra; no cristianismo, o culto da Mater Dolorosa, da Virgem Mãe, a terra sendo geradora e virgem, mas sempre pura.

Entre os hindus, Kali é a deusa maternal e cruel ao mesmo tempo, cujo culto tem sua origem nos períodos matriarcais. O símbolo da Virgem Mãe é encontrado em Artemis, em Hera, Hertha, dos germânicos, Maria, dos cristãos. A mãe é sempre, no mais profundo do amor filial, a pureza e a virgindade, e deve ser entendida no seu sentido mais profundo como a fecundidade criadora, sempre renovada. No cristianismo a mãe se espiritualiza na Mater Dolorosa, a Mãe de Deus, que está no céu. A Esfinge do Egito não é apenas um símbolo semi-teriomórfico, que Jung interpreta como a imago da mãe terrível (a mãe devoradora, a mãe loba, que surge em muitos mitos e que, em alguns casos, manifesta-se na psicose de seres humanos).

Observa-se assim que a mãe é polissignificável por muitos símbolos mas, por sua vez, é símbolo de toda a raiz cósmica do homem. Ela é a terra, a fonte, a origem que gesta, que ampara, que sustenta, que alimenta, enfim, preenche todas as carências humanas. Todo desejo de paz, de tranquilidade, tende a figurar-se no símbolo da mãe. Segundo Jung, penetrar no útero, volver à gruta materna, envolver-se na tranquilidade das águas da vida intra-uterina, é um ímpeto cósmico. O incesto é, assim, um desejo de retornar à infância, à placidez da infância onde toda intuição sensível é ainda nova. Não aparece na criança, apesar de ter este desejo, mas no adulto, cuja sexualidade desenvolvida não tolera essa aplicação regressiva, e surge com caráter incestuoso. Não tem o sentido de sexualidade que lhe dá Freud.



Édipo decifrando o enigma da Esfinge.



Mitra, gênio de luz vencedor das sombras.



Hera, esposa de Zeus.

Vários antropólogos aceitam que a divindade se apresente como pai e como mãe, isto é, como um ser viril ativo e, ao mesmo tempo, gerador feminino. Desta forma, se a mãe gesta, o pai procria, a mãe concebe e o pai dá onde o Ser Supremo, como ato, realiza o cosmos. Há no incesto, não somente o desejo primário de retorno ao ventre materno, em sentido meramente sexual como pretende Jung, mas o retorno ao ventre da mãe, do deus-mãe, de onde fomos gerados, ao universal.

A **Libido** é simbolizada pelo sol, pelo fogo ou por heróis com atributos solares. Analogicamente a energia que está na libido, com a energia criadora do sol, é também expressa pelos vários símbolos fálicos. É o caso dos totens, dos camafeus babilônicos, dos nós nas figas, das pedras colocadas nos caminhos, da serpente de fogo em torno do sol ou voltada para si mesma, com chamas à volta, da lua em forma côncava, das mãos de dedos abertos, etc. A libido, assim, está ligada à sexualidade porque esta é a maneira daquela se manifestar; é um símbolo, portanto, por participação. "O símbolo fálico", diz Jung, "não significa o órgão sexual mas a libido e, igualmente, quando aparece claramente como tal, não alude a si mesmo, mas representa um símbolo da libido. Com efeito, os símbolos não são sinais ou alegorias para uma coisa conhecida, mas tratam de indicar uma realidade pouco conhecida ou totalmente desconhecida".

Tomar os símbolos fálicos apenas como mera expressão do pênis seria de uma superficialidade extrema. Simbolizando o pai e a mãe, simbolizam a libido, que é um símbolo da energia, da onipotência do Ser Supremo, símbolo da Divindade.

O **Peixe** (*piscis*) é o símbolo do Zodíaco em que o sol retoma o seu curso anual no solstício de inverno (cabra-peixe, o capricórnio). O sol ergue-se até os altos cumos das montanhas e desce, depois, às profundidades do mar como um peixe. Gestado na água, o peixe assemelha-se à criança na fase pré-natal. Cristo é um peixe *Ichty*s, cujas cinco letras são as primeiras do Salvador: I (esos), Ch (ristos), Th (eou), Y (ios), S (otér-Jesus Cristo, filho de Deus, Salvador). O peixe simboliza a castidade, pois o peixe-fêmea desova e o peixe-macho o fecunda

ao passar por ele, sem que realize a conjunção carnal. Disse Maria ao Anjo: "Como se fará isso, pois não conheço varão?" E o Anjo respondeu: "O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra" (Lucas, 1, 26-35).

Como o sol penetra no mar, na água, e dele ressurgente, torna-se ali outra vez criança e peixe. Por isso o peixe é ligado ao símbolo da renovação e do renascimento. Dá-se, na figura de Cristo, também símbolo solar, a conjunção de outros significados do peixe, como casto, renovador e ressurgente. Lembremo-nos de Jadir, "o filho das profundidades marinhas" que, em forma de peixe, sai todos os dias do mar; que vem da obscuridade das trevas da noite e da morte, para a nova vida.



A **Árvore** é uma manifestação do poder e simboliza a divindade através dos graus do símbolo. Helena foi uma árvore que se divinizou. Em Roma chamava-se Dentrites, "a da árvore"; Dionísio também é apresentado como uma árvore. Nas árvores os gregos encontravam poderes que as habitavam, como as hamadriadas, que "nasciam e morriam com as árvores". Também os egípcios divinizavam as árvores como participantes das perfeições do Ser, pois a visão delas nos oferece um símbolo da sucessão, da vida — a "árvore da vida", com sua alternância de nascimento e morte, com os frutos que geram, que surgem e perecem, com as folhas que caem e se renovam, com as flores que as embelezam e murcham. Buda sentou-se à sombra de uma árvore em profunda meditação. No Paraíso Terrestre estão as árvores do bem e do mal e a árvore da vida. Os egípcios procuravam a árvore na qual os deuses reinavam. No Ocidente encontra-se entre os germanos a sagrada árvore de Uxal. É da árvore que sai a cruz de Cristo, que será o símbolo da nova religião.

A **Salvação** é prometida por todas as religiões. Para os egípcios era a água, no sentido do poder líquido capaz de fazer renascer, fecundar, as árvores, os animais, etc. O Salvador, o Soter dos gregos, é um homem e, ao mesmo tempo, um deus, e vem a ser um símbolo universal, pois para salvar o homem é preciso ser homem e também um deus, pois deve possuir o poder maior, símbolo universal.

Em muitas religiões é o filho que traz a salvação. Entre os egípcios foi Hórus e entre os cristãos foi Jesus.

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Elogio ao Entusiasmo

Refletir sobre a condição de um homem perante sua vida nos conduz à conclusão de que viver não é uma tarefa cômoda de ser empreendida. Exige que o vivente "lute"; mesmo os ricos, os amados e os amantes são compelidos a "lutar". Recordemos o mito de Sísifo. Como ele, estamos condenados a rolar encosta acima, na montanha do tempo, o rochedo que simboliza o que somos e, sobretudo, o que sonhamos ser. O trágico está em que, justamente no instante em que nos acreditamos na iminência de saborearmos o champanha da vitória, o fático se manifesta: a carga que a duras penas transportamos desbarranca em avalanche até o sopé da montanha que nos aprisiona.

Viver é estar continuamente forjando a própria individualização. Somos o ferreiro, o martelo e a bigorna de nós mesmos e de nossas vidas. Cada deslocamento do rochedo constitui uma martelada que damos. É esta a "luta" de que falamos. Todo aquele que por covardia ou ignorância busca a porta dos fundos ou joga a toalha no ringue, fugindo da responsabilidade sobre si próprio, inexoravelmente será exilado de sua vida; permanecerá "matéria bruta" sem forma e imprestável. Acabará sucata enferrujada pelo oxigênio do tédio.

O desertor de si mesmo, que tenta arditamente enganar Plutão (o Senhor das Trevas), vê-se obrigado a vergar-se submisso à desesperança, sempre que a angústia — sentimento próprio da existência — o surpreende desatento. Sopram então os ventos do malogro, interpondo as negras nuvens do desalento entre ele e o repouso horizonte — formado pelo sutil encontro do mar da Esperança com o céu dos Ideais que jus-

tifica a consciência humana, integrando-a ao Cosmos. Aproveitando-se destas tempestades, o mau humor apodera-se do timão de seu coração e o conduz às terras cavernosas do descontentamento íntimo.

Chegado a tão tenebrosa paragem, pouco a pouco este homem vai ficando indolente frente à mais urgente das questões: para que existo? Sucumbe e se larga aos acontecimentos, como pás de um moinho que se entregam ao movimento do rio, esquecendo que sua alma agasalha uma espetacular fonte de inspiração e energia, que um dia os gregos batizaram *entheos* (*en* = interior, *theos* = Deus); deste conceito nasceu, radiante e cheia de significado, a palavra **entusiasmo**. Portanto, anos-luz do pálido e distorcido sentido que atualmente depositamos nela: empolgação passageira e explosiva.

Os filhos da encantadora Héliade entendiam que os artistas e os profetas só podiam criar quando o *entheos* se manifestava. Ora, o que nos impede de estender a todos o privilégio de possuir uma divindade habitando sua alma? Não será verdade que somente quando um homem atende aos delicados sussurros da Inspiração Criadora é sinceramente ele mesmo? Afinal, unicamente aquele que sabe como ser timoneado por tão bela deidade interior — inspiradora das ações de fato necessárias porque transcendem aos imperativos de uma razão agrilhoadas às ilusões do tempo — pode transmutar sua existência numa canção que capte e transmita, a quem puder ouvir, o Infinito e o Eterno. O entusiasmo, assim compreendido, é uma das armas mais poderosas à mão do "lutador" decidido a encontrar-se e superar-se a si mesmo

naquilo que pensa, diz e realiza.

Amigo, experimente aconche-gar-se naquele lugarzinho sereno e silencioso de seu ser para, de lá, apreciar as indescritíveis belezas do *entheos*, que é uma das mais sublimes alegorias já criadas pela humanidade.

Vasculhe agora os escaninhos de sua memória e conte quantas vezes, ao executar suas atividades cotidianas, você se sentiu um poeta envolvido pelo *entheos*. Verifique se não é certo que nesses momentos a ação fluiu por suas mãos como se elas obedecessem a doce voz de um maestro capaz, presentando-o com uma rara felicidade porque você estava cumprindo seu *dharma*. Vale dizer: algo da parte que lhe cabe na ordenação que ao Caos vem sendo imposta por Deus foi realizado. Amigo, se sua contagem não foi além do zero, choro profundamente seu infortúnio; sua alma jamais foi acarinhada pelo calor da soberana luz de Apolo.

Concordo em que a marca da nossa época é demasiado acelerada, não nos dando muitas oportunidades de compreender as coisas que acontecem. As dificuldades a enfrentar são inúmeras, desgastantes, etc. Todavia, não podemos desistir. A nós coube viver **aqui e agora**; não há como modificar isto. Assumamos briosamente a condição humana: **LUTEMOS!**

De que servem o mau humor e a indolência frente às infalíveis exigências do destino? Acautelemo-nos! Ambos os estados de ânimo turvam o juízo e nos tornam superlativamente nocivos a nós mesmos e àqueles que conosco convivem. Precisamos evitá-los a qualquer custo!

Há motivos de sobra para deixarmos de lamentar, como velhas carpideiras bem pagas, a deplorável herança que recebemos das ge-

rações passadas, fruto do desequilíbrio exacerbado entre os componentes material e espiritual da vida, com evidente desmedida em favor do primeiro. Ao invés disto, mantenhamos sob mira que as gerações que estão nascendo nos cobrarão o que deveríamos estar construindo. Urge substituírmos **pré-ocupações** por sadias **ocupações** que agigantem nossos braços. Doutra forma estaremos vestindo a carapuça que o imperador Marco

Aurélio nos oferece em suas *Meditações*: "És uma almazinha carregando um cadáver."

Ergamos a espada de Samuel e devastemos a selva de pessimismo que o século XX plantou em nós, em busca da fonte da exaltação criadora, cujas águas contêm o fortificante espiritual da ação humana.

Permitamos, pois, a epifania do *entheos* que cada um de nós abraça; e em louvor à esperança e ao

entusiasmo cantemos com Goethe:

"Porque rompidos foram os
laços do mundo,
quem os reatará de novo,
senão as provações, as grandes
provações
que temos pela frente...
A despeito de tudo vença a
coragem,
na geração sadia."

GEORGE BARCAT



Reflexões sobre Educação

Este nosso final de século caracteriza-se pela incongruência entre as descobertas realizadas e a maneira de viver dos homens. Creio que, uma vez desenvolvida a psicologia ocidental, o que implica numa visão mais profunda do homem, digna de respeito e cuidados, a sociedade humana deveria estar vivendo uma outra fase de compreensão mútua. Pois para que serve conhecer nossos mecanismos psíquicos, senão também para conhecer e respeitar o próximo, auxiliando-o quando necessário? Entretanto, essa mesma psicologia que, como toda ciência, pode ser direcionada para o lado positivo ou negativo, fez de nosso homem um ser débil. A partir do momento em que se descobriu que temos fraquezas, ao invés de superá-las ou nos darem os meios para isso, a grande maioria desses profissionais nos ensina a conviver com essas fraquezas, assumir nossas debilidades e respeitar o aspecto mais inferior que possuímos...

Por outro lado, a tecnologia em sua ascensão assustadora, acelerando o alcance das informações mundiais através dos meios de comunicações, e também através de interesses velados em divulgar esta ou aquela tendência, auxiliou em muito a moda do naturalismo que, em si, teria os seus méritos; porém, ao ser utilizada pelo nosso homem contemporâneo, viu-se rebaixada a uma vivência puramente animal, ou seja, a atitudes dirigidas sempre ao estômago e aos instintos (defendendo que devemos respeitá-los sem repressões e interferência da mente). Esqueceu-se, a maioria desses adeptos, que esse naturalismo visa o ser humano, é o homem em companhia com a natureza. Ser homem implica acima de tudo em utilizar a mente nas reflexões acerca de nossas crenças e atitudes, nossos direitos e deveres frente à família, à pátria, à época em que nascemos. A mente é o veículo que nos diferencia dos animais irracionais, e é nesse último nível que passam a viver certos seres humanos, que aprendem a sutilar seus instintos (olfato, audição, gustação...) e consideram-se superiores por isso, achando que possuem qualidades excepcionais por conseguirem distinguir sons a longa distância, ou por saberem definir este ou aquele odor. Que ilusão! Qualquer cão faz isso com a maior facilidade! Ponha-se este mesmo "ser evoluído" diante de um trabalho altruísta, faça-se-o utilizar sua mente para trabalhos mais elevados e só aí ficará provada a sua superioridade sobre os demais.

Na realidade, o mais comum é encontrá-los fazendo somente o que lhes agrada, e sem respeitar horários. Essa é a vida sintonizadora ao ritmo da natureza?! Como se distorce a realidade em benefício próprio! O que dentro da natureza não obedece o seu tempo certo? Qual o animal que, vivendo em comunidade (abelhas, formigas, e outros), rejeita o intercâmbio de tarefas?

Como diz Kant: "O homem é tão grandioso para conceber ideais e tão débil para realizá-los!"

Esta citação com o passar do tempo vai se tornando cada vez mais correta, com belos ideais justificando atitudes totalmente disparatadas. A que se deve tudo isso? Se pesquisarmos esta interrogação até às últimas conseqüências, inevitavelmente vamos nos deparar com a educação, a formação humana. É ela a responsável pela desorientação do século XX, pois não conseguiu acompanhar o desenvolvimento científico desta era e perdeu-se no caminho!

Já é tempo de cuidarmos dos homens futuros, de fazê-los conscientes de nossos erros e incentivá-los na busca do caminho certo. Devemos encarar com maior seriedade a vida destes pequeninos que lotam os "maternais", os "hoteizinhos", os "jardins", fazendo-os desde cedo compreenderem a fragilidade humana, mas acompanhada de sua contrapartida: a fortaleza. Em relação à natureza devem ser instados a não usufruir dela desenfreadamente mas serem seus colaboradores, sempre solícitos em auxiliá-la e trabalhá-la.

A quem compete esta tarefa? Os pais deixam toda a responsabilidade para a escola, onde existem pessoas especialmente preparadas para educar. Os professores defendem-se afirmando que "a educação vem do berço". A verdade é que ninguém quer assumir essa árdua responsabilidade e a criança fica perdida entre os pais que "precisam" trabalhar para o seu sustento, e seus professores, geralmente pouco conscientizados para exercer sua função e, ainda mais, preocupados com greves e movimentos em busca de melhores condições de trabalho.

Na realidade, ambos deveriam unir-se na construção de novos caminhos educativos; entretanto, como para gerar seres humanos não se exige muita consciência, e muitos vêem nisso a possibilidade de manter a união do casal e ter companhia na velhice, esperamos que aqueles que se dedicaram profissionalmente

à educação tenham uma visão maior do papel, relembrando o primeiro impulso que os levou a assumirem tal ideal.

A FINALIDADE HUMANA

Antes de explanar sobre educação tentemos fazer uma análise do ser humano, uma vez que só poderemos dar passos seguros quando em nossa mente estiver bem definido o fim ao qual chegarmos, ou seja, qual o nosso ideal de homem. Todos concordamos em que ele possui corpo físico, emotividade primária (instintos de conservação e perpetuação da espécie), psiquismo (processos mentais conscientes ou não), mas já começamos a confundir os conceitos quando entra em foco a razão. Ela geralmente é concebida como uma reflexão voltada a interesses próprios, à satisfação pessoal, concepção esta que vem acompanhando os homens desde as épocas primitivas, não podendo ser considerada, portanto, como fator de evolução. Esse conceito estaria enquadrado no aspecto do psiquismo relacionado anteriormente.

Razão, segundo os próprios dicionários, é algo mais. Seria "a faculdade que tem o ser humano de avaliar e ponderar idéias universais...", "a faculdade de conhecer o real por oposição ao que é aparente ou acidental". É, portanto, o ponto de partida para a ascensão humana.

Nesta confusão de conceitos é que se inicia o grande conflito do homem, na tentativa de se compreender e interpretar o mundo, o que só poderá ser solucionado quando rompermos com os profundos condicionamentos que nos fazem sempre voltados ao exterior, e passarmos cautelosa e gradativamente a uma interiorização, isto é, a prestar atenção a este nosso mundo interno. A partir deste processo vamos conhecendo os mecanismos interiores de defesa, de auto-estima, de auto-afirmação e outros, que até então agiam por automatismo, passando para uma nova fase de subordinação à nossa consciência, e com isto vamos galgando os degraus do autoconhecimento e liberdade.

"O educador

é aquele que compreende o propósito da vida e se esforça ao máximo por ser um colaborador da natureza, independentemente do cargo que exerça!"



Um "scriptorium" monástico.

OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO E O PAPEL DO EDUCADOR

Esta seria a finalidade da vida humana: atingir a autodescoberta, o *si mesmo*. Desta forma, a educação deveria atender a este objetivo. Deveria ser o instrumento através do qual auxiliássemos um número cada vez maior de homens (crianças, jovens, adultos, anciãos) a alcançarem a possibilidade máxima de suas vidas. Aqui, todo o sistema educativo (aulas informativas, trabalhos de campo, passeios, esportes, artes, etc.) deveria estar coadunado com o objetivo último do despertar interior; quanto mais amplo for o nosso programa, maior será a probabilidade de atingirmos mais pessoas e ao mesmo tempo conseguirmos ampliar o mundo de nossos pupilos, o que é um elemento imprescindível à compreensão e respeito pela vida.

Entretanto, é importante esclarecer que não é o número de matérias ministradas que propiciará este despertar mas, acima de tudo, a maneira pela qual a matéria é lançada: a atenção, o carinho, a vivência do educador em tal assunto. Para o despertar não é tampouco obrigatório estarmos numa sala de aula; às vezes uma simples conversa, um ato espontâneo, nos arrebata a alturas indizíveis.

Dentro deste propósito diríamos que o papel principal seria o do educador: alguém que, já tendo percorrido estes caminhos em si mesmo, sente-se impellido a repartir suas experiências com os que o cercam, não pretendendo contudo que os que o ouvem cheguem somente ao seu nível, mas que ganhem força própria a fim de chegarem o mais próximo possível da finalidade humana.

Ser educador não é tão-só possuir um diploma; tampouco é ter a profissão de mestre; mas, educador é todo aquele que compreende o propósito da vida e se esforça ao máximo por ser um colaborador da natureza, independentemente do cargo que exerça.

Podemos nos aproximar de tal função à medida em que nos dedicamos à tarefa de auto-educar-nos, autodirigir-nos, em síntese: através do processo de autoconhecimento. Somente com a percepção de nossos mecanismos internos — autocompreensão, poderemos orientar os nossos educandos a perceberem e transcenderem seus automatismos.

A maior e melhor escola para esse educador é a própria vida, com suas surpresas, dores e alegrias, sempre o colocando em situações novas e ricas para este processo de autodescoberta. Só assim ele chegará a ser um mestre sempre renovado, que além de virtuoso saberá encaminhar os outros à virtude; além de ser culto, saberá como conduzir seus discípulos às fontes do saber.

O verdadeiro mestre é aquele que, sem cair nas rotinas das repetições, extrai ensinamentos elevados dos mínimos acontecimentos cotidianos, tornando rica a vida ao seu redor e mostrando aos que o cercam o segredo desta excelsa visão.

MÉTODO CRIATIVO PARA UM SER EM CONSTANTE DESENVOLVIMENTO

Por outro lado, hoje, quando falamos em educação, discutimos vários métodos: o papel da educação dentro da sociedade, a atuação do professor como agente de mudanças e até como agente político. Muito se propõe, muito se critica, muito se fala. Para quem vê a educação como uma **vocação** e uma **arte**, todas estas argumentações que nunca levam a nada só servem para desiludir mais ainda alguém que se sente cansado de gritar no deserto. Educador, para que educamos? O que pretendemos com a educação? Quem buscamos atingir com todo processo educativo? Penso que seja o educando. Entretanto, ele é sempre o último a ser lembrado, como se fosse apenas um móvel a mais na sala de aula, algo completamente inerte, que está à espera das matérias que deverá decorar para “passar de ano”.

Já é tempo de refletirmos um pouco mais sobre este pobre ser humano que parece estar totalmente à mercê de educadores, conscientes ou não. Precisamos ver o aluno não apenas como um papel em branco onde vamos imprimir aquilo que melhor nos convier. O educando, seja ele criança, jovem ou adulto, já traz em si qualidades e defeitos latentes, já é possuidor de um destino o qual não nos compete mudar ou sequer fazer um juízo a respeito. É a sua individualidade, é aquilo que o torna um ser único e inimitável, e é esta sua natureza interna que devemos desvendar se queremos realmente educá-lo, se queremos que ele se realize e cumpra a missão para a qual foi destinado.

Não podemos exigir do educando qualidades prévias para que seja educando. Estas qualidades deverão aflorar naturalmente através do educador, que servirá de guia ao educando no descobrimento de si mesmo. Assim sendo, não podemos falar de um método único, onde todos os seres humanos possam ser encaixados; não podemos falar de um método que seja aplicável igualmente a todos. O método surgirá do relacionamento educador-educando, em que o primeiro procurará aproveitar cada situação para mostrar que em tudo há uma lição de vida, procurando sempre ampliar e aprofundar ao máximo cada conceito, levando o aluno a compreender a Unidade que rege todo o Universo. Todo método deve ser uma auto-criação. Não existe um método único, como não existe um único educador e apenas um educando. O método reflete o pensamento do educador, portanto deve ser rico, flexível e sempre renovado como seu próprio pensamento. O método que não for baseado no exemplo agasalhado pelo amor não pode levar este nome. A verdadeira educação só é possível num clima onde se respire o amor, onde haja um “calor” que dimane do mestre e que atinja a todos os que estejam aos seus cuidados.

O educador, quando atua, deve sentir sua ação como parte de uma história que está sendo escrita agora; uma história viva que deverá servir de exemplo a muitos: a própria história da educação. E nunca deve perder de vista aquele a quem educa, aquele que é o único objetivo a ser atingido: o ser humano, a quem deve guiar docemente para a auto-realização.

GRUPO DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS DA
ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA DO BRASIL

À GUIA DE UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA KABBALA

Continuação da palestra proferida por Ignácio da Silva Telles em 9 de outubro de 1982, no auditório da Associação Palas Athena.

IV

O nome e o número das coisas.

1 – Assim como já foi mencionado na segunda parte desta palestra – n.º 34 da revista Thot, pg. 19 – todas as coisas que existem em toda a Criação emanam do Verbo, isto é, da Palavra, do Som. Por essa razão recebem todas elas, cada uma em sua medida e à sua maneira, uma determinada participação do Som primordial. Por conseguinte, todas elas possuem um som próprio, cada som vibrando em sintonia com o som original. O som particular de cada coisa é seu nome verdadeiro.

Procurar libertar nossos sentidos dos sete véus que os encobrem, e com isto acordar nosso ouvido esotérico para que possamos ouvir o som verdadeiro das coisas e, desta maneira, nos relembrar do respectivo nome verdadeiro, constitui, em última análise, a profunda aspiração dos centros iniciáticos. Porque, em verdade, ouvi-lo é nos religar com a Transcendência. Ouvi-lo é surpreender em flagrante o vislumbre da Divindade que reside em segredo no recessos de cada criatura.

Na Kabbala a presença real da Divindade nas coisas chama-se *Shekinah*.

É curioso observar que essa palavra corresponde exatamente à *Sakinah* dos sufistas muçulmanos. Aliás, o termo, dos árabes, se traduz pela expressão Grande Paz, equivalente à Paz Profunda dos seguidores da Ordem Rosa Cruz. Realmente, só quem estiver se libertando dos sete véus que encobrem os sentidos para perceber o mundo um pouco além de suas aparências periféricas, e com isto estiver pon-do em ordem suas aspirações, suas querenças, seus desejos e seus amores (procurando “amar com ordem”, na expressão de Santo Agostinho), e, conseqüentemente, estiver permanentemente alcançando a Paz Profunda, somente este poderá vislumbrar a *Sakinah*.

A saudação “Paz Profunda” entre os membros da Ordem Rosa Cruz contém um apelo visando, além do mais, despertar a consciência do compa-

nheiro e irmão, para o fato de que Deus está efetivamente em cada um de nós. Seria como dizer: “Deus Contigo”. É com essa mesma intenção que no antigo ritual da Missa na Igreja Católica, o sacerdote, virando-se para os fiéis – aliás, atualmente, ele já está virando para os fiéis, ficando de costas para o altar, de costas para o Oriente, de costas para o Nascer do Sol, de costas para a Fonte da Luz – em três diferentes momentos ao longo do Cânon, pronuncia as palavras “*Dominus Vobiscum*”, ou seja, “o Senhor convosco” – e não “o Senhor seja convosco” como habitualmente se diz. A expressão *Dominus Vobiscum* pode e deve ser entendida com a seguinte significação: “sabendo-se ou não se sabendo, querendo-se ou mesmo não se querendo, o Senhor está efetivamente convosco”. Pudéssemos nos conscientizar, de maneira vivenciada, dessa realidade permanente! A propósito, é oportuno nos lembrar que uma das preocupações da Kabbala é impedir que seus seguidores permitam que suas práticas descambem para a rotina.

René Guénon (1) observa que a Paz Profunda da *Sakinah*, sobre a qual encontramos inúmeras referências também nos evangelhos, não se refere, evidentemente, à paz no sentido empregado no mundo profano. Mas seja desde já afirmado que ela se refere, isto sim, como verificaremos em próximo capítulo, à Paz, *Salem*, da qual Melchisedek, ou mais precisamente Melki-Tsedec, era rei (2) e continua a ser rei.

2 – Ora, em hebraico, assim como foi explicado anteriormente, os números são designados por letras. Cada letra, aliás, corresponde a números segundo cinco critérios diferentes, de acordo com o quadro publicado na página 21 do n.º 34 da revista Thot. O primeiro critério refere-se ao número de ordem no alfabeto. O segundo, ao valor exotérico, este com um sentido puramente convencional. O terceiro, ao valor esotérico, que corresponde ao número de lados do respectivo polígono; assim, por exemplo, a terceira letra do alfabeto, “*ghimel*”, refere-se ao terceiro polígono, que é o pentágono, pois que se o primeiro polígono é o de três lados, o segundo o de quatro, o terceiro, necessariamente, é o de cinco lados. Assim sendo, por este critério, a letra “*ghimel*” cor-

responde ao número 5. O quarto critério é o do “valor secreto”; este assunto também já foi ligeiramente explicado no referido nº 34 da revista. E, finalmente, o quinto critério refere-se ao número de graus do ângulo exterior do respectivo polígono.

Consegue-se obter o número de qualquer palavra pela soma dos valores numéricos das letras que a compõem, usando-se, evidentemente, cada vez, um único dos cinco critérios.

3 — Agora chegou o momento de se sublinhar com especial atenção a seguinte afirmação: se uma certa palavra corresponde ao número verdadeiro de uma coisa, o número dessa palavra será o número verdadeiro da própria coisa.

O nome verdadeiro de uma coisa permite que o som da pronúncia desse nome se identifique com a coisa.

Do conhecimento e da plena convicção desta verdade se podem desencadear conseqüências aparentemente inacreditáveis, tanto boas como péssimas, conforme a intenção de quem os usa.

A propósito, há um episódio na vida do sábio Rabbi Simeon (bar Yochai), aquele mesmo já mencionado na primeira parte desta palestra (nº 33 da revista *Thot*), aquele que no século II da era Cristã inspirou de tal forma um grupo de judeus à busca das verdadeiras e originais tradições do judaísmo, que seus ensinamentos, trazidos pelos séculos por via oral, culminaram na redação, no século XIII, do mais importante livro da Kabbala, o *Zohar*. Conta a história que certa vez ele se sentou e se pôs a chorar. Seus acompanhantes, imóveis, guardaram o mais profundo silêncio. Então, com toda a tranqüilidade, ele disse: “Desgraçado sou se revelo esses segredos, e desgraçado sou se não os revelo”. (3)

Aliás, por falar em conhecimento e convicção de certas realidades, é evidente que não se adquirem por meio de informações. São acontecimentos, são formas de ser, são formas de viver que não pertencem ao reinado do terceiro Sephirot, chamado *Binah*, da Árvore da Vida da Kabbala (4), que, no que diz respeito ao ser humano, é o reinado da inteligência raciocinante. Mas, sim, devem eles brotar do segundo Sephirot, *Hochmah*, o reinado da Sabedoria, daquela sabedoria profunda e silenciosa, sabedoria além das palavras, além do pensamento, mas cujos fluidos, mesmo que distantes e apagados, podemos fazer chegar até *Binah*, iluminando-o de uma compreensão profunda. É “o coração do sábio que adquire conhecimento” (5) diz Salomão no Livro dos Provérbios. Portanto, “aplica teu coração ao meu conhecimento” (6), porque a “sabedoria estará no seu coração” (7).

Portanto, o som da pronúncia de um nome

verdadeiro de uma coisa identifica-se com a coisa.

Esse pensamento nós o encontramos em povos os mais diversos, desde os egípcios antigos, por exemplo, para quem o nome pessoal é muito mais do que um sinal de identificação, mas exprime a dimensão essencial do indivíduo. O nome é uma entidade viva. Conhecer o nome de uma pessoa é de certa maneira uma forma de submetê-la a seu poder.

4 — Quanto ao nome de Deus, os judeus recusam-se a pronunciá-lo. Tão grande temor eles manifestam, aliás um santo temor, que, muito embora não conhecendo o seu verdadeiro nome, recusam-se a pronunciar aquela palavra de quatro letras que se convencionou ser o nome que representa o Nome Verdadeiro.

Aliás, nas civilizações as mais diversas, aceitava-se que nenhum nome é conveniente à divindade. Por exemplo, num dos mais antigos Upanishads, encontramos o seguinte: “A significação de Brahman é expressa por *neti-neti* (não assim, não assim), pois, além disso, tudo que for dito sobre ele é falso” (8). E, no século IX depois de Cristo, o sábio Shankara que deixou por escrito, na forma que hoje conhecemos, a antiquíssima *Canção de Bhagavad (Bhagavad Gita)*, na qual condensou o quanto possível o pensamento dos Upanishads, ensinava que: “Ele não pode ser identificado por palavras como ser ou sendo, no sentido comum, significando categoria das coisas. Nem pode ser identificado por qualidades, porque é sem qualidade . . . nem pode ser relacionado, porque é sem segundo”; portanto, não pode ser definido por palavra ou idéias.

Lu Tsu, autor de um antigo e maravilhoso livro — *O Segredo da Flor de Ouro* (9), inicia o primeiro capítulo com as seguintes palavras: “Aquilo que é por si mesmo . . . não tem nome e nem forma”. Ainda na China, no VI século antes de Cristo, Lao Tseu, na segunda frase do seu *Tao Te King*, escreveu que o nome que pode ser pronunciado não é o Nome Eterno.

Na Grécia antiga, entre os séculos VI e V antes de Cristo, Anaximandro de Mileto dizia que o Princípio de todas as coisas só podia ser expresso por uma idéia negativa, pois que nada de positivo podemos saber dele, portanto, só pode ser apontado por uma palavra que afirme a negação — *Apeiron*, que significa: aquilo que é totalmente impossível de ser definido.

Na mesma ordem de idéias, desenvolveu-se à sua maneira a teologia muçulmana. Pela tradição sufista Deus tem 99 nomes, isto é, 100 menos 1. Ora, precisamente esse 1 que falta para completar a centena é que na realidade corresponde ao Nome Verdadeiro, ao “Grande Nome”, ao Nome que ninguém conhece. Todos os demais 99 referem-se, não à própria divindade, mas a atributos, a prerrogativas, ou

a manifestações da divindade. O “Grande Nome”, para nós mortais, é sem nome.

Na tradição hebraica encontramos o mesmo pensamento. Cerca de 2.100 anos antes de Maomé, o segundo Livro do Pentateuco, o “*Êxodo*” (10), narra o episódio no qual o Senhor apresenta-se a Moisés no alto da Montanha Horeb, e, respondendo à pergunta que Moisés lhe fez sobre qual era o seu nome, disse: “Eu sou aquele que sou” (*ehyeh ašer ahyeh*). Ora, dessa proposição, e particularmente do verbo *ehyeh* repetido duas vezes na primeira pessoa do presente do indicativo do verbo “*howah, m hayah*”, e que significa “eu sou”, elaborou-se o tetragrama que foi tido como o Tetragrama Sagrado: YHVH, que são *Yod, He, Vav, He* — Jeve. Pelo fato de o alfabeto hebraico não ter vogais, a pronúncia correta dessa palavra pôde ser mantida em absoluto segredo até hoje. Essa pronúncia só era conhecida pelo Sumo Sacerdote e pronunciada em voz muito baixa, em murmúrio, uma só vez por ano, durante as cerimônias religiosas do Yom Quipur, no momento culminante do ritual. Todos os demais nomes da divindade, que pela tradição hebraica são 72, referem-se, como no Islã, a diversos atributos da Divindade. E o próprio tetragrama sagrado, Jeve, por sua origem etimológica, não é realmente um nome, pois se refere a uma proposição na qual se faz uma afirmação de presença: eu sou.

Aliás, o mesmo pensamento preside a formulação das palavras que encontramos no primeiro versículo do gênesis: Em princípio Elohim criou Céus e Terra”, *Bereshith barâ AElohim aeth-ha-shamain waeth-ha-âretz*”. A palavra *AElohim*, aliás totalmente intraduzível, foi composta do pronome “eles” ou “aqueles” e do verbo *ser-sendo* (*A Eloah*) o qual, posto no plural, deu *AElohim*, o que significa “aqueles-que-são”, ou mais precisamente, segundo nos ensina Fabre d’Olivet, “Ele, Aqueles-que-são” (11).

É curioso lembrar que Platão, sem ter recebido, ao que parece, nenhuma influência da cultura judaica, mas mantendo o pensamento no mesmo tom de todos aqueles que, ao longo dos séculos e milênios e em qualquer civilização, permitiram que se desencadeasse, nas profundezas de seu ser, os mais altos anseios do ser humano, ele também designava o Primeiro Princípio com o atributo daquele que é por si: “*To auto*”.

Também Aristóteles, discípulo de Platão, cuidando da Filosofia Primeira, que ele considerava a mais alta das ciências, e usando como meio de conhecimento apenas a faculdade racional, ao referir-se ao *ser-enquanto-ser*, demonstrou de maneira rigorosamente lógica que sobre esse ser somos apenas capazes de raciocinar por analogia negativa, isto é, afirmando o que o *ser-enquanto-ser* não é.

Quase dois mil anos depois de Aristóteles,

no século XVI depois de Cristo, Mestre Eckhart dizia: “Por que tagarelar tanto a respeito de Deus? Se nem o seu Nome podemos conhecer, tudo o que d’Ele se disser é falso”.

Em verdade, de tudo que somos capazes de pensar de mais alto, de uma coisa podemos ter certeza: isso não é Ele. Da mesma forma, tudo que podemos imaginar de mais sublime, de uma coisa podemos ter certeza: isso não é Ele. Portanto, de fato, nenhum nome lhe convém.

“Deus e Seu nome são idênticos”, dizia no século passado o grande sábio hindu Sri Ramakrishna. Esse pensamento coincide com o da Kabbala no que se refere ao nome verdadeiro de um ser e, portanto, também é certo que Deus e seu nome são idênticos. Mas qual é o seu nome? Acontece que no instante em que conhecêssemos o seu Nome, cairíamos mortos, fulminados, porque a nossa inteligência é finita e nela não cabe o infinito, e muito menos o Eterno.

5 — Dizíamos há pouco que se uma certa palavra corresponde ao nome verdadeiro de uma coisa, o número dessa palavra será o número verdadeiro da coisa.

Ora, se a pronúncia do nome — o que os hindus chamam de “*nama*” — se identifica com a coisa, o número verdadeiro de uma coisa é a própria essência dessa coisa, essência específica e também essência individual. E com esta afirmação navegamos em plenos céus pitagóricos.

Convém lembrarmos que nestas considerações sobre a Kabbala, ao se falar sobre números estamos quase sempre nos referindo à significação de sua natureza qualitativa. Em verdade, nesse particular, a Kabbala não teve a menor intenção de apresentar uma idéia nova. Ela apenas recebeu e desenvolveu antiquíssimos ensinamentos das mais diversas civilizações, usando-os como instrumentos para a mais profunda compreensão da tradição hebraica.

De fato, a interpretação da natureza qualitativa dos números é uma das mais antigas ciências do simbolismo, em civilizações as mais diversas, sem jamais encontrarmos discrepâncias entre elas. Na China antiga nós a encontramos já aplicada e sugerida para quem tiver ouvidos para ouvir, no *I Ching, o Livro das Mutações*. Entre os livros ainda hoje editados, talvez seja este um dos mais antigos livros do mundo. E por falar em *I Ching*, curioso é lembrar que foi este o único livro que o imperador Tsin-Che Houang-ti, no século III antes de Cristo, permitiu que não fosse queimado. Muitos outros escaparam da tragédia, mas contra a vontade do imperador.

Ainda na China, o antigo historiador Pan-Kou relata-nos que essa ciência já era desenvolvida nos idos tempos das famílias Hi e Ho, do Ming-tang,

no reinado do imperador Yao. E ainda há os que atribuem sua origem ao próprio Houang-ti, considerado como representante maior da Tradição Primordial.

Na Grécia antiga, Platão, dando asas ao pensamento pitagórico, afirmava que a interpretação simbólica dos números constitui o mais alto grau de conhecimento. Cerca de mil anos mais tarde, em pleno século XV, depois de uma longa linhagem de pensadores afinados nesse diapasão — entre outros, Hiérocles de Alexandria, Plotino, Boécio, e tantos mais — Nicolau de Cusa procurava demonstrar que a abertura da mente para essa interpretação é a melhor maneira de nos aproximar de verdades divinas.

Idéias e doutrinas antiquíssimas, sem dúvida, mas sempre vivas ao longo dos milênios, e agora, mais do que nunca, presentes e atuantes. Matila Ghyka observa que talvez tenha sido Bertrand Russel o primeiro cientista a reconhecer abertamente o fato da ciência moderna estar retornando às disciplinas pitagóricas. Diz ele: “*Perhaps the oddest thing about modern science is its return to Pythagoreanism*” (12). É evidente que por um lado ele se referia à teoria da “relatividade geral” assim como foi apresentada por Einstein, e, por outro, à teoria dos “*Quanta*” e à “*Mecânica Ondulatória*” atribuídas a Max Planck e a Louis de Broglie.

De fato, a pronuncia do nome de uma coisa identificando-se com a coisa, e o número constituindo a essência da coisa, são assuntos que pairam de certa maneira além do conceituável. A faculdade racional, sozinha, não os pode mesmo entender. Mas se nos aquietarmos um pouco em nós mesmos, deixando sem pressa aquietar-se em nós a turva agitação do mundo lá fora, e também deixando aquietar-se a turva agitação de nosso mundo interior, procurando suspender o raciocínio e aplacar a imaginação, perceberemos abrirem-se as asas de certas sensibilidades intelectuais que por via de regra andam adormecidas. Em verdade todos nós as possuímos, sensibilidades intelectuais variadíssimas, dirigidas para os mais diversos planos da realidade, alguns deles além do pensável. São aptidões à espera de serem cultivadas, mas que, por via de regra, não o são devido aos atrofiantes e bárbaros métodos de educação desta nossa estranha e contraditória civilização.

Aquietando-nos e permitindo o silêncio nos invadir, chegaremos logo a vislumbrar que há de fato uma íntima e profunda afinidade entre o nome e o número das coisas.

6 — Tanto o nome quanto o número tem relação com as leis mais profundas que regem a fenomenologia do “*nomeno*” e que ligam toda a Criação com o Princípio. Assim como nos ensina o mestre Saint-Martin, o nome e o número, quando verdadeiros, são princípios, eles mesmos, coeternos com a Verdade.

Aliás, não há de ser por acaso — mesmo porque o acaso não existe — mas por encobertas razões que presidem à formação e ao desenvolvimento das línguas, que essas duas palavras, nome e número (*name and number, nom et nombre, Name und Nummer*, e em italiano como em português, nome e número), em diversas línguas indo-européias, possuem ambas a mesma raiz N-M. Assim, como verificaremos logo mais, prendem-se à idéia de uma ordem fundamental e portanto, no que se refere à Criação, a uma ordenação ou legislação fundamental, emanação direta do *Dharma* dos hindus.

NOTAS:

- (1) — René Guénon, “*Le Roi du Monde*”, ed. Gallimard, Paris, 1.958.
- (2) — *Genesis*, XIV, 18, e também *Espístola aos Hebreus*, VII, 1 a 3.
- (3) — Extraído do *Zohar*, citado por Zév ben Halevi, “*La Cabbale*”, ed. Seuil, Paris, 1.980.
- (4) — Sobre a Árvore da Vida, ou Árvore Sefirótica, falaremos mais adiante.
- (5) — *Provérbios*, 19, 5.
- (6) — idem, 22, 17.
- (7) — idem, 2, 10.
- (8) — *Brihad Aranyaka Upanishad*.
- (9) — “*O Segredo da Flor de Ouro*” foi recentemente apresentada ao mundo ocidental por Richard Wilhelm, a quem também devemos a melhor tradução do *I Ching*. Trad. francesa, ed. Librairie de Médicis, Paris, 1.969.
- (10) — *Êxodo*, III, 14.
- (11) — Fabre d’Olivet, “*La Langue Hébraïque Restituée*”, ed. Collection Delphica, Paris, 1.971, 2a. parte, pg. 24 a 28.
- (12) — Matila Ghyka, “*Le Nombre d’Or*”, ed. Gallimard, Paris, 1.931, 2º volume: “*Les Rites*”, pg. 112. E também do mesmo autor, “*Philosophie et Mystique di Nombre*”, ed. Payot, Paris, 1.952.

ERRATA:

revista nº 33, pg. 20, 1a. coluna: “Excluindo-se a unidade, 72 é múltiplo de 10 números — 2, 3, 4, 6, 8, 9, 12, 18, 24 e 36”.

revista nº 34, pg. 21, 1a. coluna, 2a. linha — onde se lê: “... cujo ângulo interior ...”, leia-se: “... cujo ângulo exterior ...”. Pg. 22, 2a. coluna, 8a. linha — onde se lê: “... ângulos interiores ...”, leia-se: “... ângulos exteriores ...”. Pg. 22, 1a. coluna: “a fórmula para se obter o valor secreto de um número é:

$$VSN = N \frac{N + 1}{2}$$

— CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO —

A morte de Narciso



E Narciso morreu.

E as ninfas de todas as paragens, as mais longínquas, vieram à beira do lago onde Narciso já era uma flor. E prantearam a sua morte. Choraram e lançaram cinzas sobre as suas cabeças, lamentando a morte daquele que fora o mais belo dos viventes. Exausta, uma das ninfas aproximou-se do lago e, pretendendo saciar a sua sede, experimentou da água. Qual não foi o seu espanto quando sentiu em seus lábios o gosto da água salgada!

E então chamou as demais e todas correram a verificar o que acontecera. E constataram que as águas do lago — até então frescas e puras, apresentavam agora o gosto de lágrimas. Então atinaram as ninfas com o que ocorrera: o lago se transformara, pranteando a morte de Narciso.

E todas, à beira do lago, voltaram a se lamentar; e se referindo ao lago, e se referindo às coisas ao redor, diziam: “Até as tuas águas, ó lago, nas quais se contemplava Narciso, se tornaram salgadas de tanto prantear a morte dele! E tendes razão em chorar a morte daquele, uma vez que Narciso era tão belo!” O lago, então, humanizado na sua dor, e na linguagem que une as ninfas a todas as coisas da natureza, disse: “Narciso era belo?” E as ninfas então, espantadas com a indagação, disseram ao lago: “Sim, Narciso era belo; porque, se não por sua beleza, por que é que tanto choraste a morte dele?”

E disse o lago: “Eu choro a morte de Narciso porque, no azul límpido de seus olhos, eu via sempre refletida a *minha* beleza...”

Tradução livre de um conto de OSCAR WILDE

A recriação plástica da Natureza

A natureza é uma expressão significativa da comunicação e, quase sempre, intencional. As coisas naturais apontam as "grandes leis" que regem os acontecimentos cósmicos. Não existe "solidão cósmica", uma vez que todas as coisas se encontram, antes ou depois, de alguma forma; aproximam-se e identificam-se, justamente nos sentidos e na finalidade que cada uma possui, e que as liga num único e indissolúvel contexto. Existe uma harmonia no Cosmos no qual nos encontramos imersos, e esta harmonia se espalhou no mundo terrestre com bastante frequência, muito mais do que se conhece ou se pode imaginar... Não nos esqueçamos que esta foi a linguagem dos sentidos, e é o caminho enveredado pelo artista que interpretou o mundo esteticamente, registrando visualmente os símbolos. Desta forma, uma catedral gótica é uma verdadeira "oração de pedra", solidificada, que se lança rumo ao infinito, como uma fuga de Bach é um templo barroco, "expressão de uma alma penitente", mesmo que seu pesar se manifeste musicalmente, o que representa, sem dúvida, a mais perfeita simbologia destes dois períodos.

Os antigos gregos já tinham transportado a harmonia da alma helênica para a visão sensível e material que impregnava suas estátuas com a mesma exteriorização que vamos encontrar numa paisagem de Poussin, ou nas sucessivas passagens da música de câmara que vão alcançar os mais recônditos espaços da alma. Observa-se que o descobrimento do Novo Mundo modificou, de forma segura, o conceito de infinito europeu, modificação que vai ocupar destaque dentro do contexto europeu do final do século XVI. Palestrina e O. Lasso determinam o final do estilo "*chapelle*", valorizando a predominância da voz humana. Os músicos compreendem que os velhos limites são por demais estreitos para um mundo que se multiplicara assustadoramente. Da mesma forma que os antigos termos não se prestavam mais para expressar o desejo ardente do infinito que empolgava os homens, cujo lema era: partir rumo ao desconhecido...

É o momento do "basso contínuo", da música que se dilata no espaço infinito em sonoridades sem fim e, até certo ponto leva ao aparecimento da orquestra — elemento não verbal — harmonizador de múltiplas linguagens. Outros campos do conhecimento também adquirem novas e inusitadas dimensões! Entre eles o aparecimento da análise geométrica de Fer-

mat, a teoria da harmonia de Zarlino... Da mesma forma que a voz se liberta, na produção musical de um Corelli, de um Haendel ou de um Bach, outras vezes se libertam, como as de Newton, Descartes, Leibnitz. Entre os parâmetros estabelecidos pelo recuo das fronteiras impostas ao homem europeu, através dos descobrimentos marítimos, nas mudanças surgidas na música e na arquitetura, que por sua vez já é bem mais musical, assim como na linguagem plástica de Watteau e Fragonard, poder-se-ia encontrar elementos comuns?

A Renascença não é um recuo no campo da comunicação. Este homem que vai tentar reviver a arte grega não é mais grego, é gótico, é Fausto alternando entre o céu e a terra um mundo "antigo" e outro "novo", que se confrontam! É o homem impulsionado, assim como o foram os vikings, pela procura de outros mundos; Giordano Bruno à procura de um espaço infinito... Cavaleiro errante de novos ideais, o homem da Renascença não poderia se restringir a uma simples visão do espaço, a uma unilateralidade de visão. Não poderia, também, permanecer em suas paralelas, uma vez que o descobrimento do Novo Mundo era um desafio à filosofia, às modalidades da sua comunicação.

A música contrapontista oferece a impressão de novos ambientes, de florestas sonoras, imensas, enquanto a fuga é a realização sem freios de possibilidades que se tornam atuais. É verdade que podemos encontrar na Renascença motivos antigos, mas a alma não é mais a mesma, ela se renova com o descobrimento das terras do Novo Mundo. O artista não é somente um intelectual mas também um espírito afetivo, especulativo. Tendo encontrado novos meios de informação, procura não só os laços lógicos, mas sensações que podem unificar os seres humanos, acima de qualquer traço antropológico, fundamentando sua alma nas coisas e, até mesmo, além das próprias coisas. O artista sempre foi um sensitivo, e os acontecimentos do mundo e sua história agem sobre ele como se fossem símbolos que veiculam sua alma rumo ao Ser Superior.

Os descobrimentos, concernentes a um mundo que foi considerado "novo", tiveram ampla influência sobre as manifestações artísticas; e é Pierre Francastel quem destaca certos aspectos: "O grande esforço da Renascença foi a substituição de um universo visível

por um inteligível. Para a Idade Média a única realidade era o pensamento divino; as coisas não estavam perfeitamente evocadas a não ser pelas suas qualidades, quer dizer, pelos atributos característicos do lugar que Deus lhes atribuía no Universo. Para o Renascimento, não se trata mais de colocar sobre a tela figurativa de duas dimensões os sinais representativos das essências, de acordo com uma hierarquia de valores, mas de registrar a situação recíproca dos objetos usuais, na ordem em que o olho os percebe num determinado momento. “Segundo Arnold Hauser, isto é mais evidente quando se trata desse aspecto nas figuras humanas, que estão desvinculadas da formação lógica. O efeito final é o de figuras reais movendo-se num espaço irreal, construído arbitrariamente, combinando-se detalhes reais numa tela imaginária, ficando a manipulação livre dos coeficientes espaciais concordando com a finalidade do momento”.

Na arte pictórica observa-se o ímpeto de conquistar o espaço, imaginado diversamente daquele limitado ao mundo conhecido; um verdadeiro anseio de superar as distâncias que se concretizarão nas aventuras dos traços pictóricos e no impulso da cor. A pintura holandesa eleva, até os cumes do sublime, o céu e as nuvens. A pintura francesa, e seus jardins, exprimem a necessidade de perspectivas sem final. Não se procuram mais os contornos das coisas mas sim a sua profundidade! El Greco, com suas variantes meteorológicas, evidencia a profundidade espacial...

O descobrimento da América se processa ao mesmo tempo que se estrutura o conhecimento da circulação do sangue e se concretiza o sistema copernicano. Os artistas procuram novos meios de informação: pesquisam, inquirim o que se oculta no mistério das distâncias contidas em espaços limitados. “A atividade informadora do espírito” da época descreve e interpreta as formas, os matizes, as extensões, equivalendo à ciência que está empenhada em descobrir os segredos dos corpos, das forças, dos números! Neste período, onde o homem de gênio é um descobridor, outros ao menos desejam sê-lo...

O Impressionismo, já que a arte deste período é impressionista, indo numa escala crescente, desemboca no auge do movimento do século XIX — ponto mais alto da sua ascensão e também início do seu final — e é um descobrimento dirigido pela “atividade informadora” de uma época que simboliza a alma que agita e anima o homem. O Impressionismo é uma invasão, através do plástico, na busca do musical, uma penetração do espaço em busca do tempo, uma vitória sobre as resistências físicas, luminosas, sobre os limites materiais na procura das dimensões das coisas e da ruptura do encanto material, como nas teorias da Física. As façanhas de Colombo, de Vasco da Gama, de Fernão de Magalhães na procura para desco-

brir o que se encontrava oculto, traz encantos surpreendentes, inesperados, que ultrapassam as fronteiras da luz e das sombras; momento fugaz que o pintor impressionista capta e que é apenas uma promessa ou um desafio... O artista é um **espectador**, como nas paisagens de um Corot, mas é também, um **intérprete**, um **viandante** através das coisas, almejando descobrir o que elas ocultam e, por isto, se enquadra perfeitamente dentro do “universo do comunicador”. O artista viaja através das coisas na tentativa de descobrir a beleza dos seus códigos secretos... Desejo que vai aparecer menos claramente na analítica da arte moderna ao procurar investigar, buscar nos detalhes o que eles ocultam, e também nas viagens interplanetárias empolgadas por este mesmo desejo de descobrimento, de novas ordens de criação ocultas...



T. Géricault: “Jangada do Medusa”.

E tudo se torna mais premente e alcança graus mais elevados no momento em que o conhecimento de novas terras surge ante o homem europeu do século XVI. Principalmente o que revelava o Novo Mundo, que não era apenas um acontecimento histórico-geográfico, desligado de qualquer sentimento na “alma” do homem europeu. Assim admitindo, pode-se ter certeza de que uma importante e significativa “mensagem” foi transmitida quanto ao Novo Mundo; “mensagem” que nem sempre usou dos canais usuais. De outra maneira não seria admissível toda a modificação pela qual a arte passou, nem seria compreensível o valor desta sua transformação, isto é, o novo sentimento: a plástica do espaço e do tempo, expressada especialmente na música que vem, ao longo dos séculos, até os nossos dias. Na pintura, Géricault, Marée, Daumier não são os únicos testemunhos deste impulso dedicado ao infinito, que nasce na Renascença. Ao dilatarem, Colombo e Vasco da Gama, os limites do mundo conhecido, o anseio do ilimitado se descarregou na “catársis” estética e nas realizações científicas, assim como nas implicações políticas. Uma viva nostalgia das distâncias emerge com uma força maior da alma européia, deixando em evidência este “novo sentir”, que se manifesta também nas ações humanas...

Este aspecto é observado na obra de três pintores holandeses que vieram com o Conde Johann Moritz von Nassau: A. Eckhout, F. Post e Z. Wagener. Já em 1587, Goltzius, Carl von Mander e Corneliez, tinham fundado uma academia, à semelhança da de Carrache, destinada ao estudo do nu vivo. Porém, quando eles se dedicam à paisagem, analisando-a com um ardor até então não conhecido, como está bem flagrante nas obras pictóricas de J. Toclant, Savery, H. Bols e D. Winckboons, que seguem esta linha magistral, é que se pode dizer haver um “verdadeiro culto à natureza”. Os temas não só abordam paisagens de florestas e montanhas, mas também a vida vegetal na sua inigualável beleza e fantasia. A fixação da paisagem vai ser, mais tarde, um dos principais motivos de estímulo na expressão característica do nacionalismo, e nela aparecem também animais e estranhas figuras do ambiente europeu, originando-se aí a penetração do elemento “exótico”.

Nos trabalhos de Seghers observa-se o aspecto selvagem das florestas e fantásticas paisagens retratando, muitas vezes, uma infinita solidão. Já em Franz Post, cognominado o “Cannaletto Brasileiro”, está registrada uma forte tendência ao exotismo, o que lhe proporcionou bastante popularidade. Após ter residido sete anos no Brasil, ao voltar para Haarlem, continuou a pintar paisagens tropicais, muito artificiais, banhadas de uma intensa luz acinzentada!

Observa-se ser bem sintomático que no século XVI se espalhou em Paris a teoria de Nicolau de Oresme, segundo a qual a luz é uma força, um ímpeto. Não estava mais o homem regido pelo sentido do estático dos gregos, mas sim pelo sentido dinâmico dos ocidentais. Os gregos não tinham se arriscado na travessia do Oceano Atlântico e os árabes, por sua vez, se contentaram em margear as costas africanas ocidentais e mediterrâneas. O homem europeu ocidental, entretanto, desejava percorrer novos caminhos, não se contentando mais com as “realidades” conhecidas e cotidianas das coisas; desejava descobrir o que elas escondiam! O misticismo, a religiosidade, são dinâmicos, ativos, ao inverso do misticismo hindu que é estático, passivo. A análise superior da álgebra não pode ser concebida como parte deste homem tomado pela necessidade da distância, a não ser que vejamos aí a procura de um alargamento que vai do infinito ao finito, porque a pesquisa torna o finito, infinito. Os átomos não tinham mais a plasticidade que lhes fora dado por Demócrito, mas são um “quanta de ação”...

Müller, ao estudar o homem ao longo dos tempos na suas heterogêneas formas culturais, quase infinitas, de usos e costumes, ficou surpreendido ao encontrar alguma coisa de comum e de contínuo: era

o mesmo ser humano ou poder-se-ia dizer: a mesma **hominidade**. Ele não pode evitar compreender que a tese da unidade possui alicerces dificilmente destrutíveis. Assim, se há uma constante humana emergente que constitui a natureza, os fatores que predis põem e formam o ambiente circunstancial e histórico não deixam de atuar sobre aqueles, para constituírem o que se chama de “perspectiva histórica”. Perspectiva que deve ser levada em consideração para melhor compreensão do espírito renascentista, especialmente se quisermos compreender como a mente européia considerou o silvícola do Novo Mundo, tendo manifestado uma maneira de “ver” através dos relatos e da iconografia que acompanha parte da literatura de viagem desta época. (*)

Há exemplos bem evidentes da atuação deste perspectivismo que são, sem dúvida, bem eloquentes e podem ser assinalados nas diversas passagens da vida do homem europeu. Assim a tendência manifestada no século XIX, de tornar a física numa mecânica, como se observa nos conselhos de Helmholtz revelando a presença de um estado de perspectiva do sábio, que procurava reduzir os valores qualitativos aos quantitativos. A própria matematização quantitativa da ciência é um anelo do homem, e a filosofia fornece um eco bem preciso deste fato-expressão da nova divisão do mundo. É o testemunho de Spengler, entre outros, a mostrar a afinidade entre os raios de luz polarizados, os íons em movimento, os campos magnéticos, as correntes e ondas elétricas que parecem simbolizar aquilo que vai aparecer, plasticamente, na representação dos ornamentos românticos, nas linhas retas ascendentes da arquitetura dos edifícios góticos, e nas viagens pelos mares desconhecidos; sintetizados como estão na figura de um Cristovão Colombo e de um Fernão de Magalhães. O mesmo se revela na pintura a óleo e na música instrumental. Tudo é manifestação de um mesmo “pathos”, simbolização de um novo “sentir da natureza” e, através de objetos, se apresenta ao espírito europeu convulsionado por esta mudança da visão filosófica, estruturando-se em novas formas de uma **visão comunicativa**, onde o artista tem, sem dúvida, um dos papéis mais importantes.

(*) Esta análise foi desenvolvida em tese de doutoramento defendida na F. F. C. H. da USP sob o título: “A Imagem do índio na ficção do Paraíso” (mimeografada).

YOLANDA LHULLIER DOS SANTOS

GANEÇA

Entre o Erro e o Acerto

Uma cabeça de elefante com uma presa quebrada. Uma tromba enorme enrolada sobre um ventre balofo. Quatro braços e quatro mãos, empunhando, duas delas, um machado e uma lança, e, a terceira, um pequeno lótus, seguro com elegante displicência. Nos pulsos, nos tornozelos, nas orelhas e no pescoço, jóias, gargantilhas, colares, pulseiras, brincos. Sobre a cabeça uma riquíssima tiara cravejada de pedras preciosas, no meio das quais aponta a cabeça de uma serpente. Uma tanga amarrada à cintura. Corpo flácido, próprio de um glutão. Um sorriso de bonomia. Olhos alertas. Pernas cruzadas no *padmāsana*, e apoiadas sobre uma flor de lótus, ou, também, sobre um rato.

Assim se representa comumente, na estatuária e nas reproduções iconográficas da Índia, a figura do deus Ganeça*, provavelmente a divindade mais popular do panteão indiano.

Venerado não só pela população em geral mas também pelos artistas e escritores, o deus — também chamado de Ganapati — participa de praticamente todos os atos da vida indiana, sejam eles de vinculação religiosa ou não. Inúmeros sacrifícios e cerimônias rituais principiam por uma piedosa invocação a Ganeça, sendo ele, por exemplo, a primeira divindade a ser mencionada no importantíssimo sacrifício do fogo. Por ocasião da celebração de um contrato, é costume fazer-se uma libação diante de sua imagem, ou, na ausência desta, pronunciando-se a famosa invocação *om ganeçaya namah* — homenagem a Ganeça! — a

qual figura também na portada de praticamente todas as obras literárias de inspiração filosófica. Relata Sonnerat que na costa de Coromandel nunca se inicia a construção de uma casa sem antes colocar-se nas suas proximidades uma estátua do deus, que é diariamente adornada com flores e unguida com óleo. E acrescenta: “Os indianos entronizam sua imagem em todos os templos, nas ruas, nas estradas e nos campos, sob alguma árvore, para que as pessoas de todas as castas possam invocá-lo antes de empreenderem qualquer negócio, e para que os caminhantes o adorem antes de iniciarem uma viagem”.

Entre os deuses e os homens

Embora não seja possível traçar com exatidão a origem do seu culto, é não obstante certo que este mergulha suas raízes em antiquíssimas concepções animísticas próprias das populações mais tradicionais sediadas em solo indiano. Assim, por exemplo, Crooke, em *Religion and Folklore of Northern India*, vê em Ganeça uma representação dravídica de uma divindade solar, simbolizando, neste caso, o rato (segundo Gubernatis), a noite ou as trevas expulsas pelo surgimento do sol, ou (segundo Hisley) o totem protetor da comunidade de alguma tribo não ariana. Sugerem outros mitólogos que a origem do deus Ganeça deve-se à metamorfose de quatro espíritos malignos numa figura teriomórfica, responsável não só pelos tormentos humanos mas

também pela punição dos pecados. Destes demônios extrairia Ganeça o seu lado terrível e devastador — simbolizado, no ícone, pela lança e pelo machado —, o qual só pode ser aplacado mediante contínuas adorações e libações. É também provável que Ganeça, conforme afirma Monier-Williams, alinhando-se inicialmente entre as divindades tutelares das aldeias, responsáveis pela guarda dos deuses e das más ações, tenha sido guindado ao governo de todos eles (daí o seu nome, “Senhor da multidão de deuses”), e adquirido poderes extremos de recompensa e punição.

Seja como for, divindade protetora do lar ou causadora dos tormentos mais terríveis, Ganeça encerra em seu simbolismo uma das mais profundas concepções do ser humano, que se divide, como esse deus, nos extremos da bondade e da maldade, da tolice a da sabedoria, da beleza e da feiúra, a meio caminho entre as bestas e os deuses.

As origens

Sobre suas origens tradicionais correm muitos mitos. O seu nascimento é assim relatado no *Brahmāvaivarta Purāna*: Pārvatī (uma das representações mitológicas da Mãe do Mundo), após o seu casamento com Çiva, não tendo filhos, e desejosa de dar à luz uma criança, foi aconselhada por seu consorte a realizar o *Panyākavratā*. (Trata-se do culto de Vixnu, que se inicia no décimo terceiro dia da quinzena luminosa de Mã-

gha, e prossegue por um ano, com oferendas diárias de flores, frutas, jóias, ouro, devendo o sacrificante observar cuidadosamente uma vida de imaculada pureza, e fixar a mente em Hari). Pârvatî, tendo realizado a cerimônia nas margens do Ganges, retornava ao lar, e no meio do caminho viu Krixna, primeiro como um corpo de luz, e depois como um velho brâmane, a entrar em sua casa. Como a recompensa de seu zelo religioso demorasse para chegar, ela se pôs em desespero, mas uma voz invisível lhe disse para ir aos seus aposentos, onde Pârvatî descobriu uma criança, Ganeça, que era na verdade Krixna tendo esta divindade assumido as feições de seu filho como recompensa por sua devoção. Regozijando-se, todos os deuses vieram congratular Çiva e Pârvatî e foram individualmente admitidos no aposento em que dormia a criança. Entre os deuses estava Sani, o planeta Saturno, que, embora ansioso por render sua homenagem à criança, manteve os olhos presos ao chão. Perguntando-lhe Pârvatî a razão disso, respondeu Sani que, estando imerso em meditações, havia esquecido os cuidados para com sua esposa, a qual, por ressentimento, lhe lançara uma maldição: tudo que ele viesse a olhar seria destruído. Para impedir as más consequências dessa maldição, ele evitava olhar o que quer que fosse. Pârvatî não levou a história em consideração e lhe permitiu que contemplasse o filho. Sani lançou um olhar a Ganeça, e a cabeça da criança foi imediatamente seccionada do corpo, elevando-se ao céu de Krixna, onde se reuniu à substância de que fora extraída. Dûrgâ (outra personificação da Mãe Terra), tomando o tronco sem cabeça nas mãos, caiu em prantos, no que foi seguida por todos os deuses. Vixnu, porém, montado no Garuda, voou ao rio Pushpabhadra, onde, encontrando um elefan-



te adormecido, lhe arrancou a cabeça, encaixando-a, em seguida, no corpo de Ganeça, o qual ressuscitou por intermédio dos dons concedidos aos seus pais pelos deuses.

Outro mito afirma que certa vez, banhando-se Pârvatî, a água de que se servira correu para o Ganges e foi bebida pela deusa Mâlinî, que tinha uma cabeça de elefante, e que deu à luz uma criança com quatro braços e cinco cabeças de elefante. Mâlinî afirmava que a criança lhe pertencia, mas Çiva a entregou a Pârvatî, reduziu suas cinco cabeças a uma única e a entronizou como "Removedor de Obstáculos". Outro mito ainda relata que Pârvatî, desejando proteger-se especialmente quando se banhava, criou Ganeça de seu suor e lhe ordenou que guardasse os seus aposentos. Quando Çiva, desejando ver a mulher, pediu a Ganeça permissão para entrar, este, que não conhecia a identidade do deus, recusou-lha. Çiva, enfurecido, ordenou a um de seus servos que decapitasse Ganeça, o que foi feito. Mas Pârvatî convenceu o esposo a rogar aos deuses que completassem o corpo de Ganeça com a cabeça do primeiro animal que

encontrassem — e este veio a ser um elefante. Outra narrativa, centrada no fato de Ganeça ter apenas uma presa, afirma que, numa ocasião, a lua e as vinte e sete constelações zombaram dele porque o seu ventre havia arrebentado devido ao grande número de bolos que havia comido. Enfurecido, ele quebrou uma das presas e a lançou contra a lua, motivo por que esta define regularmente.

Mâyâ

A devoção popular vê em Ganeça sobretudo a divindade que, quando convenientemente propiciada, favorece a superação das dificuldades, o acúmulo de bens e a conquista de paz e sucesso. Quando as oferendas não são convenientes ou não lhe agradam, Ganeça pode suscitar o desencadeamento de desgraças e aflições. Num nível mais erudito, considera-se Ganeça como o deus da Prudência e da Sabedoria, e patrono das Artes, representando a sua cabeça elefantina um emblema da sagacidade.

Contudo, no cerne do símbolo denotado por Ganeça é possível encontrar uma profunda tradução em termos simbólicos do conceito de *mâyâ*, a manifestação desregrada e contraditória das energias vitais. Metade homem, metade elefante, desarmônico, assimétrico, grotesco, refinado, Ganeça representa o surgimento das forças primigênicas, em estado de equilíbrio precário. Solenes e grotescas, sábias e tolas, sutis e grosseiras, tais são as manifestações dos atos neste mundo humano, construído de aparências ilógicas e de realidades efêmeras. Um feixe de possibilidades vitais, das mais ridículas às mais refinadas, tal o sentido de Ganeça. E, como Ganeça, tal o sentido do homem.

MÁRIO MUNIZ FERREIRA

Aceitação de si próprio

O homem, em todos os tempos, buscou compreender-se, encontrar um "Eu" autêntico.

Conscientemente ou não, todos o procuramos.

Achei este assunto muito bem abordado pelo Padre Romano Guardini em seu livro

"La aceptación de sí mismo" – Ediciones Cristiandad – Madrid – 1980.

Recebi de vários amigos comentários sobre a obra e julgamos oportuno trazer a síntese de suas principais idéias para a Thot.

Transcrevemos a seguir alguns de seus conceitos mais esclarecedores e profundos, com o sincero desejo de que sejam fonte de reflexão e auxílio para todos os que estamos irmanados na maravilhosa aventura de encontrarmos a nós mesmos.

"Todo pensador sabe que constantemente volta a encontrar-se com coisas que parecem muito simples e inclusive triviais, porém cuja trivialidade é somente o reverso de sua profundidade e riqueza de sentido".

Para ser autêntico pensador deve-se aprender a transpassar a aparência da obviedade, penetrando na profundidade submergida. E assim com a verdade que nos afeta de modo mais imediato: "Que sou este que sou, precisamente o que sou, e cada qual é ele mesmo."

Em tudo estou "eu", em todo ato, em toda afirmação que faça. Para mim o mundo existe somente enquanto é aquilo em que existo, aquilo em que me encontro e atuo. Posso tentar superar a mim mesmo e falar das coisas como se não estivesse "eu". Mas, apesar de ser algo muito bom, um exercício do espírito para fazer-se capaz de prescindir de si mesmo, ainda persiste a ligação; a mais simples vista de olhos que eu dirija a algo, contém a "mim".

O que eu chamo eu é o que me está dado. Porém, ver até onde vai o caráter aparentemente "dado" do próprio Eu é uma prova da vitalidade espiritual do homem. Pois, além de óbvio, sou também para mim mesmo surpreendente, enigmático e inclusive desconhecido. Tanto é que pode ocorrer-me a pergunta: "Eu sou Eu mesmo?" Olho um dia ao espelho e pergunto-me com estranheza: "Quem é esse?" Ainda que parecesse tão unido e em ordem comigo mesmo, de repente converto-me em objeto diante de mim. Não deveria então perguntar-me com a mesma razão: "Eu não sou eu, senão que espero chegar a sê-lo?", "Não tenho a mim, senão que estou a caminho para mim?", "Não me conheço, senão que estou tratando de conhecer-me?".

Portanto, o homem imediato não vê o autêntico;

somente sente que está aí, porém "detrás", no domínio do que não está dado.

As tentativas de explicar-me por razões de sociedade, história, natureza são enganos. Pois o que respondem essas "explicações" são as perguntas relativas à conexão geral das causas materiais, biológicas e históricas. Sou capaz de ver como ocorreu em mim tal situação ou fato, ou as causas que geraram determinados resultados. Sou capaz de compreender-me e explicar-me no aspecto biológico e psicológico, mas não no existencial, na compreensão viva de mim mesmo. Pode-se ver claramente na consciência a partir daí, que a existência individual não pode ser penetrada com o entendimento.

No princípio de minha existência – o princípio não somente temporal, biológico, senão essencial, não há uma decisão por mim mesmo, de ser. Senão que há uma iniciativa, alguém que me deu a mim, em absoluto e enquanto este ser determinado, este homem, pertencendo a esta época, a este povo, a este tipo e a estas condições. E muito menos estou aí simplesmente, sem necessitar nenhuma decisão para chegar a ser. Isso somente se dá com Deus.

Tudo isso significa que não posso explicar a mim mesmo, nem demonstrar-me, senão que tenho que aceitar-me. E a claridade e valentia dessa aceitação constitui o fundamento de toda existência.

Ao mesmo tempo, fica-me proposto um dever muito grande: o de querer ser o que sou, assumindo a tarefa que me está proposta no mundo, a "vocaçào", pois desde aí me acerco às coisas e as assumo a partir daí.

Não posso evadir-me na fantasia, sonhando que sou este ou outro, que faço isso ou aquilo, nem mesmo fugir do mal que há em mim: más disposições,

costumes consolidados, culpa acumulada. Devo aceitá-lo e fazer frente a isto: assim sou, isto fiz... Não com rebeldia, pois isso é endurecimento, senão aceitar em verdade, porque somente isso leva mais além do mal: "sou assim, porém quero chegar a ser de outro modo."

"No princípio e fim de toda sabedoria só há uma verdade que responda realmente à questão do princípio de todas as coisas: dar-se conta religiosamente de que meu princípio está em Deus, na vontade de Deus dirigida para mim, de que hei de ser o que sou".

"Compreender o arrependimento é essencial para toda a compreensão profunda do homem, assim como exercitá-la é essencial para orientar a própria vida que há de sair adiante entre os abismos da soberba por um lado e os do desespero por outro. O arrependimento é uma das mais poderosas formas de expressão de nossa liberdade. Nele nos julgamos a nós mesmos, pondo-nos contra nós mesmos ao lado do bem. O arrependimento não pode fazer que não haja ocorrido o ocorrido; tentá-lo seria uma mentira. Descansa na verdade, na compreensão de que fiz isto ou o outro, que se converte em ponto de partida de uma nova conduta e recebe com isso um caráter novo. Nossa vida é somente definitiva depois do último alento; até então pode mudar de caráter todo o ocorrido, o pior como o melhor, ao tomar posição de novo ante ele. Nossa vida, então, é aquilo que essa tomada de posição lhe faz ser".

Este dever pode chegar a ser muito difícil, especialmente quando percebo não somente os limites, senão as insuficiências e defeitos de meu ser: falhas de saúde, transtornos na harmonia psíquica, cargas de herança de antepassados, estreiteza pela situação histórica e social e assim sucessivamente. Existe a rebelião ante o ter que ser **si mesmo**: "Pedi para ser?"... Há a sensação de estar aprisionado em si: sempre tropeço com as mesmas fronteiras, sempre cometo os mesmos erros. Aborreço-me comigo mesmo e parece já não valer a pena ser **si mesmo**, podendo surgir um fastio temível.

Em nossa época, em que mingua cada vez mais a fidelidade ao próprio ser, a aceitação de que ser eu seja um dever se debilita porque desaparece a consciência de **ter sido dado** a si mesmo. A suprema forma de evasão é o suicídio, que se torna cada vez mais simples e trivial, acobertando-se muitas vezes com o caráter de valentia. Porém constitui coragem atrever-se a algo perigoso para fora, sem responder a isso para consigo mesmo? "A autêntica valentia significa que se está posto em um lugar, não pelo pequeno ou grande chefe de cada caso, senão pelo Senhor da vida: Deus; e por isso não cabe apartar-se até que Ele mesmo chame alguém a retirar-se". Outra suposta valentia vem da falta de respeito a si mesmo: eu sou qualquer um, se desapareço, há outros.

A claridade de minha aceitação de mim mesmo, a renúncia a ter qualidades que me estão recusadas, o reconhecimento e a manutenção de meus limites, sem renunciar ao esforço de elevar-me, que posso e devo fazer na medida do que me é dado, não posso cumprir por caminhos meramente éticos, mas desde algo mais alto, pela fé. Isto significa compreender minha finitude desde a instância suprema, a vontade de Deus; não somente de modo abstrato, senão na medida em que se experimente de modo vivo. Uma experiência tal está plena de graça, prometida àqueles que a peçam com a sinceridade e a paciência de seu coração, esforçando-se por ela em oração e meditação.

"Deus é real e necessário. Está fundado em Si, está pleno de sentido e não necessita nenhuma explicação. A explicação de Deus é Ele mesmo. É assim porque é assim. E existe em absoluto porque é Deus".

No princípio e fim de toda sabedoria só há uma verdade que responda realmente à questão do princípio de todas as coisas: dar-se conta religiosamente de que meu princípio está em Deus, na vontade de Deus dirigida para mim, de que hei de ser o que sou. É a renúncia à soberba, é a alegria da existência por situar-se com valentia ante ela mesma.

Somente desde a aceitação de si mesmo o caminho leva ao autêntico futuro para cada qual. Pois crescer como homem não significa sair de si mesmo; comportar-se eticamente não significa entregar-se. Temos de exercitar a crítica contra nós mesmos, porém com lealdade para com o que Deus há posto em nós.

O homem já se soube criado e entregue a seu ser próprio por Deus, e sua liberdade estava fundada na livre vontade de Deus: por aí recebia razão e poder para seguir adiante por sua própria vida. Sua finitude

era percebida como felicidade, possibilidade de cumprimento.

A negação de Deus na época atual chegou a criar em torno da própria finitude humana o vazio ameaçador, o nada. Nessa situação há toda classe de motivos para a angústia: quando o homem se rebelou contra ser finito, pretendendo ser já não imagem semelhante, senão protótipo. Seguiu sendo finito mas perdeu a conexão com sua origem, a confiança transformou-se em soberba e o ânimo em temor.

Quem sou eu, somente o compreendo n'Aquele que está acima de mim. O homem não pode compreender-se partindo de si mesmo. Porém, como chegar? Isto deveria ser o mais fácil, mas há uma distância maior que se tivéssemos que percorrer um longo caminho.

Existem descrições de como se procura captar o que temos de mais próximo, isto é, o **si mesmo**. Uma das mais famosas é *A Divina Comédia*, de Dante. Nela, "o viajante separa-se da terra e cruza pelo Inferno e todas as suas profundidades; pelo Purgatório, com todos os seus níveis; pelas esferas do Céu, até a última morada de Deus. E ao final se manifesta ao peregrino o Mistério de Cristo, pelo qual nossa existência é assumida na existência do Filho de Deus. Então não somente compreende o que está além de todo o terrenal, senão que também compreende-se a si mesmo. Depois de haver conhecido quem é Cristo, sabe também quem é Dante e tudo está deveras resolvido".



A Divina Comédia, de Dante: o Inferno



Monge orando em Bangkok.

Aquele que me deu a mim mesmo, "pode fazer que eu cruze esta distância, estreita como um cabelo e no entanto tão grandemente separadora, que há entre mim e **eu mesmo**. Pode fazer que chegue a ter paz comigo mesmo. Pois em mim não há paz. Todas essas perguntas que contêm o "porquê" e o "eu" são expressão de um profundo desdobramento interior. Não estou em unidade comigo mesmo, por isso não sei de mim".

Somente o "Espírito da verdade", o "Espírito Santo", que é o "Espírito do amor", pode ensinar-me a compreender essa verdade que ninguém me pode ensinar, isto é, minha própria verdade. Porém, como? Nem por ciência nem por filosofia, senão penetrando em mim mesmo.

"Essa unidade é amor. Há que saber somente onde há amor. Por parte do homem não há um saber frio, nenhum saber com violência, senão somente com essa generosidade e liberdade que se chama amor. Porém o amor começa em Deus: começa em que me ama e eu me faço capaz de amá-Lo e Lhe estou agradecido por esta primeira doação que me há feito e que é: Eu mesmo."

LÚCIA BENFATTI

Joseph De Maistre : do Iluminismo ao Idealismo uma trajetória Existencial e Filosófica

Palestra proferida por Cláudio De Cicco, Doutor em Filosofia do Direito pela USP, no auditório da Associação Palas Athena, em 25 de fevereiro de 1984.

I PARTE

Comecei a ler Joseph De Maistre há longo tempo, e quanto mais o leio, menos o conheço, pois parece-me ser um desses espíritos superiores que surgem na história humana muito raramente, sendo em geral incompreendidos por seus contemporâneos, e cuja obra tem tal profundidade que não se esgota.

Cada vez que releio as obras do Conde Joseph De Maistre, sinto-me um iniciante, como se as estivesse lendo pela primeira vez. Isto é próprio das obras muito ricas, ou dos indivíduos que têm dificuldade de entender o que lêem (também não se exclui a segunda hipótese). Enfim, parece-me que o julgamento final caberá aos senhores. De qualquer modo, considero interessante divulgar aqui no Brasil o pensamento de um autor mais ou menos desconhecido.

Joseph De Maistre é um autor ignorado, a não ser por alguns especialistas. É muito conhecido, por exemplo, em teoria política, em teoria do Estado, porque escreveu um livro sobre o poder constituinte. Praticamente tomei contato com a obra de Joseph De Maistre, através dos estudos de minha especialidade, mas aconteceu com relação a ele, comigo, o que acontece com alguém que lê a *República* de Platão como leria qualquer outra obra de teoria política: de repente, percebe que não está entendendo muito bem o que o autor quer dizer.

Procura um professor de história política, dizendo: "Mas eu não entendo a *República*". Para perguntar algo sobre Platão, procura então um professor de filosofia — pois Platão é um filósofo, antes de ser um político. Esse professor dá-lhe uma série de obras do autor da *República*, que ele precisa ler para conhecer alguma coisa sobre a filosofia platônica.

Quando termina a leitura do último diálogo, compreendeu a *República*. Quer dizer que, finalmente, compreendeu o primeiro livro que lera; porque ninguém entende a *República* de Platão fora do mundo de Platão. Não é possível alguém pretender fazer uma análise séria da *República*, se não conhece o idea-

lismo platônico, porque ela só tem sentido dentro da filosofia, nada mais sendo que uma expressão de Platão no campo da política.

Quando me apresentaram as obras de De Maistre, apresentaram-no muito como um constitucionalista, um teórico da política, terrível adversário de Rousseau, um dos mais polêmicos anti-rousseauistas e, segundo alguns, um precursor de Augusto Comte.

Só depois de ler outras obras é que comecei a perceber que ele não era apenas um cientista político, mas um filósofo e, depois de compreender que era um filósofo, comecei a compreender-lhe mais a obra política, comecei a me interessar.

Mas, ainda dentro daquele exemplo sobre Platão, chega um momento em que o estudioso se pergunta:

— Mas, afinal de contas, o que explicava, para Platão, toda a sua filosofia, qual era toda a razão de ser dela?

Aos poucos a pessoa percebe que, por trás da filosofia platônica, existe uma religião de Platão. Essa é uma das constatações que se faz modernamente. Goldschmidt escreveu um livro sobre a religião deste filósofo, descobrindo o que ele entende por "demiurgo". Entende-se agora muito mais o que ele fala sobre o mundo, inclusive sobre o famoso mundo das idéias, que se conhece em filosofia: porque é preciso conhecer a cosmologia platônica, para nela inserir sua filosofia. Depois, também, sua ética, sua estética e também, evidentemente, sua política.

O mesmo veio a ocorrer comigo, com relação a Joseph De Maistre: era um homem profundamente religioso e, por isso, um filósofo profundo, e um político que sabia dizer as coisas de maneira exata. Por quê? É o que vamos procurar mostrar aqui.

Para ele, o visível nada mais era do que o reflexo do invisível. Joseph De Maistre é praticamente um teórico da política, um filósofo, mas é também um teósofo. O que entendemos por teosofia?

O próprio nome já está dizendo: *Theos*: Deus; *Sophos*: Sabedoria. O que seria teosofia? Esta palavra foi praticamente inventada no século passado, para designar o estudo das religiões, visando conhecer melhor Deus, o fenômeno divino; daí, teosofia ser dife-

rente de teologia, que é o estudo de Deus através da luz da razão, o estudo racional. Não são a mesma coisa, teologia e teosofia.

O incrédulo, o indivíduo que não acredita absolutamente em Deus, pode fazer um estudo teológico, mas jamais poderá fazer um estudo teosófico, porque, se não vivenciar, não conseguirá fazer teosofia. Esta é a diferença profunda entre teologia e teosofia.

Existem, por exemplo, indivíduos materialistas que analisam toda a religião, por exemplo, a cristã, de fora, do ponto de vista dos argumentos racionais. Porque a teologia é baseada em argumentos racionais, que podem ser refutados também racionalmente.

Qualquer religião pode ser destruída por um ateu, através de argumentos racionais que invertam completamente a teologia em que essa religião se estrutura.

Na teosofia é diferente: o indivíduo não consegue estudar teosofia, se não vivencia. Os grandes místicos foram grandes teósofos, nem sempre grandes teólogos, enquanto que os grandes teólogos podem não ser grandes místicos.

Posso conhecer um padre que seja uma sumidade em matéria de teologia, mas não seja um místico: é a diferença que existe entre São Francisco e um teólogo da Universidade de Salamanca.

Quero dizer que São Francisco é um teósofo, que conhece Deus através da experiência, enquanto que o teólogo conhece Deus através da razão, simplesmente.

Não se trata de diminuir a teologia, nem de negar seu valor, mas é necessário, também, mostrar que a teosofia não se confunde com a teologia. Nós perguntaríamos, pois: Joseph De Maistre é um teólogo?

Não é, absolutamente, mas é um teósofo, o que significa que não teve nenhuma preocupação em criar esquemas racionais para explicar a religião, mas procurava vivenciar experiências, para chegar ao conhecimento do fenômeno divino. Por essa razão é necessário, a fim de compreender-se, em breves pinceladas, seu pensamento, falar alguma coisa a respeito de sua vida, já que se trata de um teósofo.

É importante conhecê-lo, ou seria como querer conhecer-se a obra de Madame Blavatsky sem se ter conhecimento de sua vida. É importantíssimo ter conhecimento dela, pois muita coisa que escreve está vivenciando naquele momento. Quando ela escreve *Ísis desvelada*, está vivendo um momento importante, em que aquilo tinha que ser escrito. É diferente da posição de um teólogo, de um filósofo, que, trabalhando exclusivamente com a razão, de certa maneira faz uma separação entre sua vida e seu estudo. Para um teósofo isso é impossível: portanto, temos que dizer alguma coisa a respeito da vida de De Maistre.



São Francisco

Uma vida na Era da Revolução: o Iluminismo

Seu nome é curioso, parece italiano e francês ao mesmo tempo; a grafia e a pronúncia nos dão a idéia, exatamente, de um homem de fronteira.

Joseph De Maistre nasceu na região chamada Sabóia, que até hoje tem esse nome. Fica ao norte da Itália, fronteira com a França. Durante muito tempo a Sabóia pertenceu a este último país, depois à Itália, posteriormente voltou a pertencer à França, de acordo com as contingências políticas das guerras mundiais. Mas, no momento em que Joseph De Maistre nasceu e durante grande parte de sua vida, a Sabóia era um reino independente.

Os saboianos eram independentes e pertenciam a uma nação também independente, bilingüe. Como na Suíça hoje se falam várias línguas, na Sabóia falavam-se tranquilamente o francês e o italiano. Por isso, ora ele escrevia em francês, ora em italiano.

Quando pretendia refutar Rousseau, escrevia em francês, porque francês era a língua daquele filósofo. Queria que o público que lera Rousseau lesse sua obra, portanto, escrevia, propositadamente, em francês.

Viveu, então, nessa região, nascendo no dia 19 de abril de 1.753 e falecendo em 26 de fevereiro de 1.821.

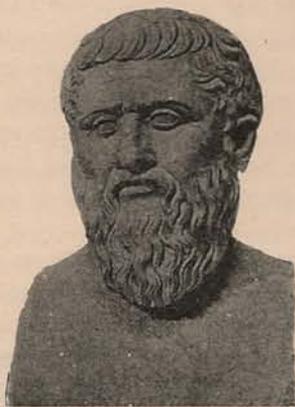
Nasceu em Chambéry, filho de um magistrado, um juiz. Desde cedo recebeu uma influência muito grande de sua mãe, que o marcará a vida toda. Ela era profundamente mística, religiosa e influenciou muito na formação do filho. O pai, pelo contrário, insistia para que ele estudasse os grandes clássicos. Acabou entrando no colégio dos jesuítas, onde se familiarizou com o

grego e o latim, desde a idade de quatorze anos. No final de sua vida, Joseph De Maistre lia e escrevia em latim e grego, como lia e escrevia em francês e italiano.

Depois foi para Turim, que era a capital do reino de Piemonte, onde fez um curso de Direito, sendo, em 1.774, nomeado Procurador do Estado. Como os jovens de sua época, era um entusiasta da "Enciclopédia", de Voltaire e de Montesquieu, e não tinha muitas simpatias por Rousseau. Por que isso?

Porque houve uma famosa polêmica entre a "Enciclopédia" e Rousseau. Pouca gente sabe que Rousseau e a "Enciclopédia" polemizaram. Como todos são filósofos do século XVIII, as pessoas falam em Voltaire, Rousseau, Montesquieu. Mas são departamentos distintos: Rousseau é um adversário ferrenho das artes, da razão, da inteligência. É um homem que exalta o sentimento, um dos pais do Romantismo.

Entusiasta da "Enciclopédia", De Maistre não gostava de Rousseau. Isto vai, de certa forma, ter consequência futura sobre seu pensamento, mas, segundo ele mesmo confessa, seus autores principais e o que o levava, por assim dizer, a gostar de Montesquieu, era aquela pleiade de autores do Iluminismo, nos quais via algo de Platão, a quem sempre se refere como "o divino Platão".



Platão

Platão, para ele, é o *nec-plus-ultra*: não existe mais nada acima dele, a quem colocava como "o filósofo" por excelência.

Considerava Aristóteles um aluno de Platão, que tentara criar um método próprio e quase destruíra a obra do mestre, como um aprendiz de feiticeiro sem força suficiente. Platão ainda é Platão e Aristóteles está muito abaixo dele, diz De Maistre.

De qualquer maneira, Platão marcou-o muito. Depois, Plutarco teve uma influência imensa sobre o pensamento de Joseph De Maistre. Chegou a transcrever, com comentários, o *Tratado sobre os Sacrifícios*, ou *Sobre as penalidades*, de Plutarco.

Depois destes, os grandes clássicos franceses, como Corneille, Racine. Ele domina a língua francesa e é uma injustiça que se lhe faz, que não seja incluído nas antologias, porque é um mestre da língua francesa.

Racine e Corneille ele leu muito, absorvendo um pouco daquele espírito, mas com um polemismo que adquiriu lendo Voltaire.

Ao lado disto, interessou-se desde cedo pelo ocultismo, lendo Jacob Böhme, Swedenborg e, sobretudo, Claude de Saint Martin.

Quem era Claude de Saint Martin? Era um oculista, como se dizia naquela época; um filósofo misto de teósofo, que fundara uma espécie de filial do Martinismo. Que era o Martinismo? O Martinismo era uma escola mística, fundada por Martinez de Pasqualy, um espanhol, um "alumniado", um perseguido pela Inquisição Espanhola. O Martinismo, na França, teve em Claude de Saint Martin, o chamado "filósofo desconhecido", um grande continuador.

Joseph De Maistre interessou-se também pela Maçonaria. Há uma ligação muito grande entre Iluminismo e Maçonaria, no século XVIII. Acaba ingressando na Loja Maçônica dos "Trois Mortiers", em 1.774, a qual pertencia à Maçonaria chamada Escocesa e, portanto, não à do Grande Oriente.

A Maçonaria Escocesa e a Revolução Francesa

Isto também vai ter importância no pensamento de Joseph De Maistre, que se posicionara contra a Revolução Francesa, porque para ele ela fora realizada pelo Grande Oriente.

Permanecendo na Loja Maçônica dos "Trois Mortiers", acabou participando de um movimento que nela havia e que tentava provar que a Maçonaria nada mais era que a continuação da Ordem dos Templários. Esta era uma velha tese, difundida por alguns maçons e que foi encampada por De Maistre, entusiasmado-o durante algum tempo.

Depois, De Maistre abandonou esta idéia e esta preocupação, dizendo: "Basta de pensar no que fomos: o que interessa é o que nós somos e o que nós seremos".

De Maistre, não se interessando pelo que haviam sido, mas pelo que eram e seriam, fez um apelo aos maçons, numa carta ao Grã-Mestre, o Duque de Brunswick, para acabar com aquela discussão sobre os Templários. As pesquisas haviam sido feitas, quem aceitara, aceitara, mas não era o caso de criar-se uma divisão dentro da Maçonaria, por um problema que ele considerava secundário.

Fazia uma carreira de Procurador do Estado,

mais ou menos promissora, quando irrompeu a Revolução na França, em 1.789.

Essa Revolução, depois de ter enfrentado de maneira mais ou menos rápida uma reação interna, passou em seguida à expansão.



Rousseau

A Revolução Francesa tem caráter imperialista; como todo mundo sabe, os franceses vão dominar uma série de povos vizinhos, em nome das idéias revolucionárias. Inclusive a Sabóia é invadida e anexada à República Francesa, como um departamento.

De Maistre, então, fuge com a família para Lausanne. E, segundo alguns autores, ele provavelmente jamais teria se preocupado em refutar Rousseau, e nem com a Revolução Francesa, se não tivesse sido diretamente atingido por ela.

Teve que fugir, pois, sendo de família aristocrática, seu futuro era a guilhotina. Fuge para Lausanne, na Suíça, onde até hoje se encontra um núcleo fundado por ele, que ali permaneceu durante muito tempo.

Houve uma trégua concedida por Bonaparte, sua família voltou para a Sabóia, continuando ele em Lausanne, resolvendo algumas questões econômico-financeiras, de sobrevivência.

Nunca mais ele verá a família; houve uma segunda invasão da Sabóia; só verá uma filha que nasce, quando esta alcançar os vinte e dois anos de idade, porque se tornará um homem perseguido pela polícia napoleônica. Encontrou refúgio na Rússia, na corte do Czar Alexandre I, filho da grande Catarina da Rússia. Lá, desenvolverá um trabalho extraordinário de divulgação de seu pensamento.

Um livro que provoca a primeira obra de Joseph De Maistre foi escrito por um padre jesuíta, chamado Barruel. Dizia que "a Revolução Francesa tinha sido feita pela Maçonaria e, portanto, todo maçom era um revolucionário", e que "a Maçonaria tinha vários ramos apenas para disfarçar a insinceridade de seus

membros, que eram todos republicanos, e todos a favor até da anarquia". O padre deu a este livro o nome de *Memórias para Ajudar a Compreender a História do Jacobinismo*.

De Maistre ficou profundamente irritado, porque sabia perfeitamente que na Maçonaria havia uma série de divisões, e que a própria monarquia do antigo regime estava ligada a ela. A maioria dos príncipes e reis era constituída por maçons. Quer dizer que, realmente, o que causara a Revolução Francesa fora uma dissidência, que tinha começado na Baviera, com Weishaupt, que fundou a Loja dos "Iluminados", que pretendia ser uma ruptura com o Iluminismo.

Evidentemente o tempo é escasso, mas valeria a pena mostrar que estavam em planos completamente diferentes, o Iluminismo e a Revolução. O Iluminismo significaria a transformação pacífica da sociedade, feita sem derramamento de sangue. Isto é Iluminismo. Enquanto que a Revolução significaria a tomada do poder. A tomada do poder por qualquer meio, inclusive pela violência, se necessário. Esta diferença fundamental não poderia ser ignorada, no entanto, aquele padre coloca praticamente tudo no mesmo nível.

Joseph De Maistre se irrita, e escreve um livro chamado *Considerações sobre a França*. Este foi um "livro-bomba", porque, pela primeira vez, alguém escreveu contra a Revolução, procurando dizer, ao mesmo tempo, que ela não tinha sido feita pela Maçonaria, mas por uma dissidência dela.

Ora, isso irritou profundamente aqueles que haviam tomado o poder e que eram os burgueses. Hoje, com essa distância de duzentos anos, sabemos perfeitamente que a Revolução Francesa foi feita pela burguesia, que está no poder até hoje. O povo não chegou lá, esta é que é a verdade. A Revolução Francesa não foi feita pelo povo, este não foi o grande beneficiário: nós todos sabemos disso, mas, naquela época, não.

Uma grande parte da população não podia votar, devido ao voto censitário, isto é, de acordo com o imposto que você pagava, você podia votar e, se não pagasse determinado imposto, você não poderia votar. Então, como as pessoas, normalmente, sonegavam o imposto... Quer dizer que, com isso, a Revolução Francesa era muito manipulada por uma oligarquia, que se sucedia no poder. Quem assistiu ao filme *Danton*, que passou há pouco tempo, viu bem isso. A luta entre girondinos e jacobinos era uma luta entre pessoas. O povo estava esperando que a coisa melhorasse. O povo ingênuo não percebeu no primeiro momento, porque os que estavam no poder tinham interesse em difundir a idéia de que era o povo e não o oligarca do momento, ou seja, ora Danton, ora Robespierre, quem estava governando. E não era interessante alguém vir dizer isto tão claramente.



Napoleão

Joseph De Maistre chegou e disse-o claramente. Nesse ponto, é um precursor de toda a crítica que o socialismo fará posteriormente: está praticamente cento e cinquenta anos antecedendo os socialistas, dizendo que a sociedade capitalista é governada por uma classe só, e não por todo o povo, como diz, chamando-se democrática.

Os senhores vão ver que ele é um homem espiritualista, não tem absolutamente nada de materialista, não quer a desordem, muito pelo contrário. Porque suas idéias, se fossem comparadas com o capitalismo que dominava o mundo, na política e na economia, o colocariam como um homem contrário. Mas, por que era contrário? E é aí que se apercebe: ele era contrário, não por capricho, simplesmente, mas porque tinha um amor entranhado à verdade.

Depois de Waterloo e da derrota final de Napoleão, com a restauração das monarquias, De Maistre recebeu, do rei da Sabóia, que fora restaurado no trono, uma embaixada em São Petersburgo, na Rússia. Teve ali dias de tranqüilidade e escreveu o livro *Les Soirées de Saint-Petersbourg*, sua obra mais importante.

Depois de ter ganho esta embaixada é que vai encontrar sua filha, e que vai viajar para fora da Sabóia. Interrompidas as hostilidades, findas as guerras napoleônicas, encontrou-se com seu pai, em São Petersburgo, passando a viver lá, até desentender-se com o Czar Alexandre.

Portanto, não sendo mais considerado "persona grata", voltou à Sabóia, onde morreu, em 1.821. O livro *Les Soirées de Saint-Petersbourg* foi publicado postumamente.

A Visão Maistreana do Catolicismo

Também escreveu um livro sobre a Igreja Católica, chamado *Du Pape*, que teve a honestidade de dedicar ao Papa Pio VII, que não compreendeu o livro, porque mostrava a Igreja Católica como uma grande instituição exatamente por ser mais antiga do que o Cristianismo.

Pio VII, o mesmo que coroara Napoleão, ficou descontente e não respondeu à dedicatória gentil que ele lhe fizera em *Du Pape*.

Sua biografia, portanto, se perde no meio da história, e ele não teria significado algum, se não fossem as idéias que deixou escritas. Podemos dizer que todos os movimentos que surgiram depois foram, direta ou indiretamente, influenciados por ele, por suas obras e seu pensamento.

No final do século XIX, com o aparecimento do Materialismo Histórico de Marx, do Positivismo Científico de Augusto Comte, em suma, com o triunfo do materialismo, quer "de direita", quer "de esquerda", o grande autor que todos os espiritualistas vão procurar é De Maistre. A própria Igreja, que primeiro o repudiou, vai buscar em *Du Pape* os argumentos para que seja aceita pelo mundo moderno. De Maistre será buscado por Montalembert, Lacordaire, Venillot e por aqueles que pedem liberdade para a Igreja. É o pai de todos, inclusive do célebre Lamennais.

É um homem de glória posterior. Hoje existe uma "Sociedade de amigos de Joseph De Maistre". Existe um culto à sua memória, principalmente na cidade em que nasceu, Chambéry.

É o autor que resolve as questões. Existem teses inúmeras sobre Joseph De Maistre, inclusive de um brasileiro, o professor Alexandre Correa, professor de Direito Romano na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. A primeira tese de Alexandre Correa foi sobre De Maistre, em Louvain, na Escola de Louvain. Alexandre Correa escreveu muito sobre este autor, sobre quem existem teses, hoje, no mundo inteiro, contra ou a favor. Ele é um autor que tem posição. Como todo o autor que tem posição, provoca reações contrárias, violentas, como também adesões e simpatias extraordinárias.

Joseph De Maistre também é o pai de uma série de movimentos políticos surgidos posteriormente. O Socialismo Cristão, de que hoje tanto se fala, está baseado fundamentalmente em seu livro *Considerações sobre a França*, em que mostra que a sociedade capitalista é, no fundo, individualista: ignora a comunidade, que é onde o indivíduo vive, sendo portanto, profundamente errada, cheia de defeitos. Assim, é um precursor do chamado Socialismo Cristão. Por outro lado, valorizou muito as idéias nacionais; era contra

Rousseau exatamente porque este dizia que o homem não era naturalmente social, que a sociedade resultava de um contrato.

De Maistre considerava isso um absurdo, achava que não havia contrato algum, não, era um ato voluntário: ninguém pertence a uma comunidade porque isso faz parte de um contrato. O que há é uma identificação psicológica de uma comunidade. Isso será desenvolvido depois, principalmente na Alemanha, pela "Escola Histórica" de Savigny, que dirá exatamente isto: "As leis devem ser de acordo com os usos e costumes do povo". Ou isto, que parece tão moderno: "As leis não devem ser feitas de cima para baixo, mas de baixo para cima".

Savigny era um discípulo de De Maistre, porque este insistiu muito sobre a tônica da característica dos povos. Uma lei que pode ser boa para os franceses pode não ser boa na Sabóia, tendo-o irritado muito que as tropas napoleônicas fossem impondo o código francês, tendo os saboianos que segui-lo, embora tivesse sido feito na França.

A idéia universalista da Revolução, de que a humanidade é uma coisa só, é completamente utópica. Joseph De Maistre brincava, dizendo o seguinte: "Eu sei que existem franceses, que existem italianos, sei que existem alemães, sei que existem até persas, mas o homem em abstrato, eu nunca vi, se alguém viu, me apresente. Eu vi homens em concreto, mas o homem abstrato, nunca vi".

O que ele queria dizer com isto? Que não é possível sonhar com leis para um homem abstrato, sem características nacionais, regionais, locais, físico-biológicas, psicológicas. A Revolução Francesa era muito a revolução do homem abstrato, os direitos do homem sacrificavam o direito do grupo. Ela foi feita em termos abstratos, o que abstratizou muito tudo o mais. A liberdade deixou de ser concreta para ser uma liberdade com "L" maiúsculo, que no fundo não queria dizer nada. Porque continuo achando que o mundo da liberdade não pode ser o mundo em que não haja condições de exercer a liberdade. Essa é uma liberdade totalmente abstrata.

Joseph De Maistre não aceitava este abstracionismo da idéia de liberdade, tornando-a em algo que não se vê quando se realiza, assim também como não aceitava a fraternidade em abstrato.

Outra coisa que igualmente não suportava era a idéia de igualdade, porque diz: "Não existe a igualdade, o que existe é a desigualdade". Aí é que vai ser o homem da contradição, principalmente com Rousseau, com a Revolução Francesa e, sobretudo, o homem que diz o contrário do Marxismo. Este afirma: "A Revolução não fez a igualdade que tinha prometido". De Maistre diz: "A Revolução começou a preten-

der a igualdade, mas esta é utópica, porque os homens não são iguais." O que ele admite é que a sociedade é hierárquica. Por quê?

Analogias entre Hierarquias Visíveis e Invisíveis

Aqui entramos em cheio no nosso assunto. Por quê? Porque o mundo visível nada mais é do que o reflexo do mundo invisível. Ora, o que é o mundo invisível? É o mundo da desigualdade, não da igualdade. É o mundo da hierarquia, da hierarquização.

É exatamente então que ele começa a ver que há ligações entre política e religião, e que a Idade Média não foi uma época qualquer, mas uma época em que essas regras fundamentais da sociedade humana, de certa maneira, foram reconhecidas e aceitas.

Acreditava que a desigualdade das pessoas estava sendo prejudicada pela utopia democrática, dizendo que, com a idéia de que todo mundo era igual, determinadas profissões estavam ficando para trás.

O trabalho mecânico estava saindo do seu lugar, o trabalhador da terra também, todo mundo vivia na cidade, ninguém mais queria olhar para o homem do campo, que era visto como um atrasado. Dizia: "É um erro gravíssimo, porque o homem do campo é tão importante quanto o homem da cidade. Se precisamos de médicos e engenheiros, de advogados, nós também precisamos do agricultor, e se o agricultor tiver complexo de inferioridade, a sociedade está perdida".

Ele tinha razão, porque, infelizmente, a humanidade tomou um rumo — como era de se esperar — de supervalorização de determinadas profissões e de desprezo por outras. Hoje, por exemplo, estamos numa época de muita valorização do técnico, como já houve a época da valorização do bacharel.



De Maistre já via isso com muita clareza porque, estudando Platão, o que via na *República*? A divisão das funções. Na sociedade, deve haver os filósofos, que governam, os guerreiros, que defendem, e os trabalhadores, que trabalham.

Uma das colocações mais interessantes de Joseph De Maistre é exatamente a de que a desigualdade social e política é um reflexo de uma desigualdade maior que existe no universo. Hoje a ciência está corroborando essas colocações, que durante muito tempo foram consideradas, simplesmente, invenções de Platão, dos ocultistas ou dos teósofos.

A ciência atual mostra uma galáxia tão grande como e a nossa, com um centro, e, dentro dela, um sistema solar, com o Sol no centro. A Terra é um planeta girando em torno do Sol, como o Sol gira com todo o sistema, em torno de um outro. Mas a Terra é composta de quê? De átomos, que têm exatamente a conformação da galáxia. O que é o átomo-micro, é a galáxia-macro.

Os prótons, nêutrons e elétrons, como foi magnificamente demonstrado pelo brilhante professor Godofredo da Silva Telles Júnior, em seu livro *Direito Quântico*, mostram, de certa maneira, que o átomo é uma micro-galáxia e que quase todas as leis que se vêem no átomo, se vêem também na galáxia. É apenas uma questão de ampliação.

Mas, se tudo fosse próton, não haveria elétron. Se só houvesse núcleo, se toda a substância quisesse ser núcleo, não haveria o movimento do átomo. Para haver o movimento do átomo, precisa haver uma diferença de função entre o núcleo, os prótons e os elétrons. Nem tudo é núcleo, nem tudo é órbita, mas existem os prótons, os nêutrons e os elétrons, desempenhando as suas funções. O que é mais importante? Tudo é importante!

Ninguém vai dizer: as plantas são pouco importantes, porque são menos que os animais. Os animais dependem das plantas. Nos planetas onde não há plantas não existe vida, pelo menos como a conhecemos. Também não vamos dizer que os animais não são importantes para o homem. Tudo é importante, dentro desta visão do universo, em que estamos num Grande Todo, do qual somos uma pequena partícula. Mas, como seres humanos, somos uma partícula consciente de estarmos neste Grande Todo.

De Maistre diz que o problema do homem moderno é ser antropocêntrico, acreditando ser a coisa mais importante que existe no mundo e que tudo, inclusive as pessoas, deve girar em torno dele. Acontece que existe um outro que pensa exatamente a mesma coisa. Daí, o conflito. O individualismo leva à guerra, primeiro, doméstica, depois, civil e depois, mundial.

Da Revolução Francesa para cá, já tivemos duas Guerras Mundiais, mostrando como, realmente, as idéias individualistas, transpostas para a esfera política, produzem conflagrações mundiais; porque o raciocínio individualista produz realmente conflito, isso é fácil de perceber. Enquanto que, se cada um encontrar seu lugar dentro do Grande Todo, realmente teremos a idéia de que há um centro e de que existem planetas e satélites desses planetas, porque o universo não é feito como uma carapaça só de concreto, não.



Robespierre

Ninguém é último degrau e, sempre que olhar para baixo, vai encontrar alguém que depende dele. Nem também, se olhar para cima, ver-se-á como o máximo: vai sempre encontrar alguém acima. O que dá unidade a isto tudo é a idéia de finalidade. Realmente, a desigualdade, em si, seria um absurdo. Mas, **com uma finalidade**, em que todos lucram, ela não é mais um absurdo, mas, uma coisa legítima.

Eis aí o que Rousseau não queria aceitar, dizendo que suas idéias teriam que ser absolutamente igualitárias. O que produziu com isto? A ditadura! Primeiro, Robespierre, depois, Napoleão. E nós sabemos de regimes mais recentes, que falam muito em igualdade e terminam em eleição indireta. Acredito que não se precisa entrar muito por esse lado da política, para se compreender que as palavras "igualdade", "liberdade" e "fraternidade", são palavras mágicas, que atraem, e *slogans* políticos fabulosos.

Percebe-se pois, que Joseph De Maistre quer dizer que as instituições humanas não podem ser pensadas completamente à margem da estrutura do próprio cosmos. Se o cosmos inteiro é assim, por que só o universo humano seria diferente? Tanto o universo humano, como o próprio homem, têm que obedecer a estas mesmas leis cósmicas, a que os minerais e as plantas obedecem. Se todas as flores quisessem ser rosas, não haveria mais a variedade primaveril, e se todas as frutas quisessem ser pêssegos, não haveria mais os pomares. O que dá beleza ao universo é a variedade, que é fundamental para Joseph De Maistre.

Diz ele que toda essa realidade natural, nada mais é que um pálido reflexo do outro lado, que é o mundo invisível. Aí vem toda sua teoria sobre o mundo do outro lado, o que não se vê.

Ele diz que o que prevalece no universo é a analogia, ou seja, estamos num mundo que não é igual ao mundo invisível, mas, que é análogo a ele. Que quer dizer análogo? É algo que é parcialmente igual, parcialmente diferente: tem algo de parecido, algo de diferente. Qual é a diferença entre mundo visível e mundo invisível? É o fato de o mundo visível estar ainda impregnado de matéria, enquanto que o invisível está liberto dela. Por isso, não o captamos, mas ele existe, existe como tantas outras coisas invisíveis existem. Poderia dar o famoso exemplo da eletricidade: ninguém a vê, mas se você puser a mão num fio, então vai sentir — pelo menos, vai levar um choque — que ela existe. Mesmo sem vê-la, você irá senti-la.

O Idealismo Neo-Clássico de Joseph De Maistre

A energia não é visível, e existe. Ora, o mundo dos espíritos é um mundo de energia, superior ao da energia elétrica. Por isso, o homem é um elo de ligação entre o mundo do espírito e o da matéria. Exatamente por essa razão, ele tem a possibilidade de servir de passagem, porque tem algo dos dois mundos.

Precisamente por esse motivo, De Maistre é o contrário do maniqueísta, como se costuma dizer, que opõe ao mundo do espírito o mundo da matéria: não é oposto, é complementar; a visão é de complementaridade, não de oposição.

Para conhecer melhor o mundo visível, você precisa conhecer o mundo invisível. Para conhecer melhor o invisível, você tem que olhar para o que está à sua volta. Precisamente a complementaridade é importante por causa da situação humana atual. O homem não é puro espírito, nem só matéria. E como se percebe que não é apenas matéria? Porque ele pensa e o pensamento não é matéria.

Se pudéssemos ter algumas gramas de talento artístico, os ricos seriam os mais sábios, pois com dinheiro comprariam tudo. A inteligência não se compra, porque ela é espírito.

Onde a ciência pára, a teosofia começa. Ela não quer substituir a ciência, não pretende ignorar seu valor, nem o valor do conhecimento científico. De Maistre e os teósofos nunca disseram, absolutamente, que a ciência é desprezível. É ótima, mas chega o momento em que pára e diz: "Nada mais podemos dizer, nosso trabalho vai até aqui e o que vem depois, não sabemos". Aí começa a teosofia. E como trabalha a teosofia? Em grande parte, com a própria experiência do teósofo, e com a pesquisa que faz na humanidade,

no contato com várias culturas, com vários povos e nações. A diferença entre teosofia e teologia, voltamos a repetir, é exatamente esta: o teósofo cristão precisa conhecer a religião oriental, para verificar como o espiritual se manifesta no Oriente, para ter uma idéia mais adequada do divino, assim como o teósofo budista precisa conhecer o cristianismo, que é um outro caminho de espiritualidade. Se quiser permanecer apenas no budismo, vai fechar-se para uma outra importante mensagem, que foi manifestada do lado de cá do mundo, principalmente do Oriente Médio para cá.

Joseph De Maistre não é o espírito inquisitorial que pode parecer por sua biografia, mas, muito pelo contrário, é o homem das grandes sínteses. Se me permitirem uma explicação para os problemas que teve na vida, para as incompreensões, acredito que ele viveu em uma época muito ingrata, de muito fechamento das mentes, com a Igreja completamente fechada para qualquer religião que não fosse a cristã e os governos fechados para aquilo que não fosse a sua interpretação de governo.

É claro que um indivíduo que quer ter uma visão ampla não está bem nesse ambiente e termina por se chocar com todo mundo. Por isso é que um biógrafo de Joseph De Maistre diz que não é que ele entrasse em polêmica, mas os outros é que não o deixavam viver tranqüilo, provocando-o porque queriam negar aquilo que para ele era o óbvio. Provocavam, por ser ele o homem das grandes sínteses, não da separação. É o homem da união.



Joseph De Maistre

Esta imagem de Joseph De Maistre tem sido recuperada bastante, o que mostra sua modernidade. Ele foi um dos primeiros a falar em ecumenismo, dizendo que não entendia por que os católicos e protestantes brigavam tanto, quando seria necessário verificar os pontos comuns para criar-se um supracristianismo que englobasse todas as religiões, porém, sem que elas perdessem as características próprias e, sim, conservando-as.

Eis aí um outro dado fundamental do pensamento de De Maistre. Para ele, a união não implica em perda das características: acha que, assim como no cosmos, é perfeitamente possível haver o movimento das galáxias, e, na nossa galáxia, na nossa Via-Láctea, o movimento dos planetas em torno do Sol, sem que isso impeça que cada planeta tenha sua vida própria e que haja à sua volta um satélite, em cada um existindo flores que se desenvolvem de acordo com sua espécie; não é preciso imaginar a síntese como uma espécie de ajuntamento geral, em que as características próprias desaparecem. Para ele, a síntese não é isso: é a ligação, mas as características próprias têm que continuar.

De Maistre acredita, e é um dos primeiros a falar, em uma sociedade internacional. Diz que é necessário que ela exista, para resolver os conflitos mundiais, o que não significa que as características das nações tenham que ser alteradas. Cada nação permanecerá com as suas **características próprias**, sem seguir um modelo padrão e sem ser tratada de acordo com uma classificação: superdesenvolvida, desenvolvida, subdesenvolvida, dependente, infradesenvolvida.

Acredita que, assim como no cosmos existe ordem na diversidade, por isso, exatamente, é preciso haver também, no mundo, diversidade de nações com uma unidade de proposta, devendo haver também nas religiões essa unidade.

Primeiramente, quer a união de todos os cristãos, desaparecendo a separação entre católico, protestante, ortodoxo; depois, quer a união de Oriente e Ocidente. Numa época em que ninguém tinha coragem de fazer isso, tomava os livros da Índia. Nesse ponto, é precursor de Madame Blavatsky, que também foi outra pessoa que rompeu o preconceito contra a Índia.

Não é por coincidência que Madame Blavatsky era russa: segundo se crê, freqüentou grupos que tinham sido fundados por Joseph De Maistre, quando de sua permanência no país, antes de se desentender com o Czar Alexandre I.

Ele é, por assim dizer, um homem favorável à união dos credos, das nações, mas conservando-lhes as características próprias. Não propõe que um cristão, para dar-se com um budista, abandone o Evangelho e não pretende que um budista, para dar-se com um cristão, diga que não mais vale Buda. Pretende uma união que mantenha as características, porque senão não poderíamos falar em união, mas em absorção. Ele não quer absorção, quer união: cada um mantendo as próprias características, tendo que tentar compreender o outro, enriquecendo-o com sua própria experiência.

Passou a estudar as religiões de um modo geral, e sua grande descoberta, que fez dele um dos maiores teósofos, talvez, de todos os tempos, é que só existe, no fundo, **uma religião da humanidade**, desde o início até o fim dos tempos. Manifestava-se de maneira diferente, de acordo com as épocas e circunstâncias históricas, como de acordo com as raças, as etnias e psicologias próprias de cada povo. **Mas existe uma só religião na humanidade.**

De Maistre constata, então, que algo deve existir realmente, do outro lado. Verifica, apesar das variações, que são os mesmos os problemas fundamentais do espírito humano, em todos os tempos e lugares. A primeira constatação é a de que não há nenhum povo ateu no mundo, ou seja, todos possuem uma crença. Podem ser diversas, mas são crenças. Muitas vezes pensamos que as religiões são diferentes, porque olhamos apenas para as aparências e não para a essência.

É isso que ele vai constatando a partir desse exame, lendo os autores gregos, romanos, cristãos, orientais. Constata algumas realidades, que para alguns parecem próprias somente do cristianismo, mas que são realidades universais. Por exemplo, a realidade de que o homem não está na sua melhor condição. Esta é uma idéia que, para muitos, soa como uma verdade cristã, ou seja: não estamos na era de felicidade, nós perdemos essa era; de acordo com o ensino judaico-cristão, tirado da Bíblia, o homem perdeu a liberdade primitiva, a superioridade primitiva, e caiu para uma condição inferior, da qual sai com dificuldade. Vocês me dirão: "Mas isso é catecismo da igreja cristã, é ensinamento da sinagoga judia". Não: Platão dizia isso, Ovídio chegava a dizer também: "Vejo o bem que quero, mas não consigo fazê-lo".

De Platão, há uma peça em que o personagem diz de si mesmo: "Eu sou o meu próprio carrasco, porque estou continuamente apontando para mim mesmo o que deveria ser e não sou".

A segunda e última parte desta conferência será publicada na próxima edição, nº 36.

NÃO ADIE MAIS UM ENCONTRO CONSIGO MESMO!

Faça sua inscrição
para o Curso Livre:

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

ÉTICA: aspectos ético-filosóficos do Bramanismo e Budismo (leitura comentada de Bhagavad Gita, A Voz do Silêncio e Dhammapada); o pensamento ético de Aristóteles, Plotino, Kant e Bertrand Russell; a ética cristã.

FILOSOFIA DA HISTÓRIA: introdução ao caráter geral da História; fundamentos teóricos; ciclos e ritmos históricos; História e Mitologia; teorias históricas de Cícero e Platão.

SÓCIO-POLÍTICA: análise comparativa de indivíduo, sociedade e estado, na visão clássica e moderna; a moral como fundamento do direito social e do dever político; estado liberal e estado dirigido.

IDADE MÍNIMA: 18 ANOS
AULAS UMA VEZ POR SEMANA
DURAÇÃO: 22 AULAS
INÍCIO TODOS OS MESES



INFORMAÇÕES:
RUA LEÔNCIO DE CARVALHO, 99
PARAÍSO – SÃO PAULO
SP. FONE: 288.7356.



**Graças a Deus,
tudo pode
ser aperfeiçoado
nesta vida.**

**Vamos dar-nos um tempo para
autoconhecer-nos,
Vamos dar um tempo aos nossos semelhantes
e conhecê-los.
Vamos melhorar a cada dia nesta vida.**



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMP. LEOPOLDINA, 1434
V. HAMBURGUESA SP - 261-7199 - 261-7118